



UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARÁ  
NÚCLEO DE ALTOS ESTUDOS AMAZÔNICOS  
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL DO  
TRÓPICO ÚMIDO  
MESTRADO EM PLANEJAMENTO DO DESENVOLVIMENTO

MARCELI DE CÁSSIA ALENCAR DOS SANTOS SILVA

**DESENVOLVIMENTO LOCAL E TURISMO SUSTENTÁVEL NO SETOR PÚBLICO  
DO MUNICÍPIO DE CEDRAL-MA**

BELÉM-PA  
2024

MARCELI DE CÁSSIA ALENCAR DOS SANTOS SILVA

**DESENVOLVIMENTO LOCAL E TURISMO SUSTENTÁVEL NO SETOR PÚBLICO  
DO MUNICÍPIO DE CEDRAL-MA**

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará para obtenção do título de mestra em Planejamento do Desenvolvimento.

Área de concentração: Desenvolvimento socioambiental

Linha de pesquisa: Sociedade, urbanização e estudos populacionais

Orientadora: Prof.<sup>a</sup> Dra. Ligia Terezinha Lopes Simonian

BELÉM-PA  
2024

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP) de acordo com ISBD**  
**Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Pará**  
**Gerada automaticamente pelo módulo Ficat, mediante os dados fornecidos pelo(a) autor(a)**

---

A368d      Silva, Marceli de Cássia Alencar dos Santos.

DESENVOLVIMENTO LOCAL E TURISMO  
SUSTENTÁVEL NO SETOR PÚBLICO DO MUNICÍPIO DE  
CEDRAL-MA / Marceli de Cássia Alencar dos Santos Silva. —  
2024.

97 f. : il. color.

Orientador(a): Prof<sup>a</sup>. Dra. Lígia Terezinha Lopes Simonian  
Simonian

Dissertação (Mestrado) - Universidade Federal do Pará, Núcleo  
de Altos Estudos Amazônicos, Programa de Pós-Graduação em  
Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido, Belém, 2024.

1. Desenvolvimento sustentável. 2. turismo local. 3. setor  
público. 4. Polo Floresta dos Guarás. 5. Cedral-MA. I. Título.

CDD 910

---

MARCELI DE CÁSSIA ALENCAR DOS SANTOS SILVA

**DESENVOLVIMENTO LOCAL E TURISMO SUSTENTÁVEL NO SETOR PÚBLICO  
DO MUNICÍPIO DE CEDRAL-MA**

Dissertação de Mestrado do Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido do Núcleo de Altos Estudos Amazônicos da Universidade Federal do Pará para obtenção do título de mestra em Planejamento do Desenvolvimento.

Área de concentração: Desenvolvimento socioambiental

Linha de pesquisa: Sociedade, urbanização e estudos populacionais

Data de aprovação: 12/12/2024

Conceito: **Aprovada**

**Banca Examinadora:**

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Ligia Terezinha Lopes Simonian – Orientadora  
PPGDSTU/NAEA/UFPA

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Mirleide Char Bahia – Examinadora Interna  
PPGDSTU/NAEA/UFPA

---

Prof.<sup>a</sup> Dra. Ana Cristina Rocha Silva – Examinadora Externa  
PPGH/UNIFAP

A todas as crianças de Cedral. *Serendipity!*

## AGRADECIMENTOS

À população de Cedral, aqui representada pelo Senhor Josenilson Melo e pelos demais interlocutores, que, desde o início, foram solícitos e acolhedores.

À Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES) – Código de Financiamento 001, pelo apoio na realização do presente trabalho.

Agradeço ao Núcleo de Altos Estudos Amazônicos e aos meus professores de turismo, aqui representados pela minha orientadora prof.<sup>a</sup> dra. Ligia Terezinha Lopes Simonian, que me acompanha, desde a graduação.

Aos amigos de longa data e aos que surgiram pelo caminho, pois sempre me direcionaram palavras de confiança.

A minha família, especialmente minha mãe Benedita Alencar, por ser meu exemplo de mulher, e ao meu pai Nizan Reis, por ser meu exemplo de disciplina e de constância.

Aos meus santos de devoção e guias espirituais, aqui representados por São Miguel Arcanjo.

Ao Mestre Jesus, da casa de Davi; os dias foram tão corridos, que talvez eu tenha esquecido de oferecer a Ele um lugar para descansar, enquanto nada me faltava.

*Fugere Urbem*

Um banho de igarapé  
numa tarde quente,  
um cheiro de terra molhada perfuma a alma,  
o ritmo cadenciado das batidas do pilão,  
o arroz soltando da casca,  
o paiol ao longe,  
a revoada de pássaros,  
o som da natureza ao amanhecer  
e ao anoitecer.  
enquanto isso,  
na cidade,  
o barulho do caos.

Evilásio Júnior (poeta maranhense)

## RESUMO

A dissertação investiga a interseção entre desenvolvimento sustentável e turismo no contexto do município de Cedral, localizado no Polo Turístico Floresta dos Guarás, no Maranhão. O trabalho é fundamentado na premissa de que o turismo pode ser uma ferramenta para o desenvolvimento local, desde que implementado de maneiras sustentável e integrada às necessidades da comunidade. A pesquisa adota uma abordagem interdisciplinar, utilizando metodologias qualitativas e o modelo de estudo de caso. A escolha de Cedral como local de estudo se justifica pela sua localização em um polo turístico emergente, em que as ações do setor público ainda estão em fase inicial. A metodologia inclui a coleta de dados por pesquisas de campo, realizadas entre três e oito de janeiro e seis e oito de setembro de 2023, que permitiram o reconhecimento das condições locais e a observação participante. Na fundamentação teórica, a dissertação aborda conceitos da Geografia, enfatizando as categorias região e lugar, além de discutir a Teoria Geral do Turismo e a evolução do conceito de sustentabilidade. Destacam-se as contradições entre desenvolvimento socioambiental e práticas efetivas, propondo que o turismo deve ser menos degradante e mais coerente com o ambiente local. A pesquisa também reflete sobre a importância de um planejamento que envolva comunidades locais, gestores e representantes socioculturais, visando a construção de um modelo de turismo que respeite as especificidades da região. A pesquisa objetiva analisar a atual conjuntura do turismo no município de Cedral, as ações do setor público de turismo e o engajamento das representações socioculturais, trazendo seções dedicadas à fundamentação teórica, às metodologias e técnicas de pesquisa utilizadas, à área de estudo, abordando seus elementos físicos e sociais, e ao panorama do setor público de turismo do município, analisando o ordenamento administrativo e as atividades desenvolvidas, desde a criação da secretaria de turismo. A contribuição do estudo é significativa, pois oferece uma reflexão crítica sobre o papel do turismo no desenvolvimento local e sugere novas possibilidades de fomento a práticas turísticas que sejam sustentáveis e respeitadas com o meio ambiente. Destaca-se a necessidade de processos criativo e participativo, que envolvam todos os atores sociais, para garantir a autonomia da sociedade local e a viabilidade de um turismo que beneficie a comunidade. Em suma, esse trabalho oferta aportes teórico e prático ao entendimento do turismo sustentável no contexto amazônico.

**Palavras-chave:** Desenvolvimento sustentável; turismo local; setor público; Polo Floresta dos Guarás; Cedral-MA.

## ABSTRACT

This dissertation investigates the intersection between sustainable development and tourism in the context of the municipality of Cedral, located in the Floresta dos Guarás Tourist Complex in Maranhão. The work is based on the premise that tourism can be a tool for local development, as long as it is implemented in a sustainable way and integrated with the needs of the community. The research adopts an interdisciplinary approach, using qualitative methodologies and the case-study model. The choice of Cedral as the study site is justified by its location in an emerging tourist hub, where public sector actions are still in the initial stages. The methodology includes data collection through field research, carried out between January 3 and 8 and September 6 and 8, 2023, which allowed the recognition and participant observation of local conditions. In the theoretical framework, the dissertation addresses concepts from Geography, emphasizing the categories of region and place, as well as discusses the General Theory of Tourism and the evolution of the concept of sustainability. It highlights the contradictions between socio-environmental development and effective practices, proposing that tourism should be less degrading and more consistent with the local environment. The research also reflects on the importance of planning that involves local communities, managers and socio-cultural representatives, with a view to building a tourism model that respects the specific characteristics of the region. The research aims to analyze the current situation of tourism in the municipality of Cedral, the actions of the public tourism sector and the engagement of socio-cultural representations, with sections dedicated to the theoretical basis, the methodologies and research techniques used, the study area, addressing its physical and social elements, and the panorama of the municipality's public tourism sector, analyzing the administrative organization and activities developed since the creation of the tourism secretariat. The study's contribution is significant, as it offers a critical reflection on the role of tourism in local development and suggests new possibilities for promoting sustainable tourism practices that respect the environment. It highlights the need for creative and participatory processes, involving all social actors, to guarantee the autonomy of local society and the viability of tourism that benefits the community. In short, this work offers theoretical and practical contributions to the understanding of sustainable tourism in the Amazon context.

**Keywords:** Sustainable development; local tourism; public sector; Polo Floresta dos Guarás; Cedral-MA.

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Mapa do Polo Turístico Floresta dos Guarás .....	18
Figura 2 – Cena do filme <i>Metrópolis</i> , de 1927.....	23
Figura 3 – Fluxograma da execução metodológica.....	37
Figura 4 - Correlação entre as unidades de análise e de estudo desta investigação .....	40
Figura 5 – Mapa dos locais visitados.....	45
Figura 6 – Mapa de localização do município de Cedral-MA .....	47
Figura 7 – Mapa da APA das Reentrâncias Maranhenses.....	50
Figura 8 – Fotografia da Praia de Outeiro na década de 1980 .....	55
Figura 9 – Fotografia da Praia de Outeiro, nas proximidades da Praia do Português, na década de 1980 .....	55
Figura 10 – Fotografia da Prefeitura Municipal e da Praça José João, em Cedral, na década de 1980 .....	56
Figura 11 – Fotografia do prédio atual da Prefeitura Municipal de Cedral.....	56
Figura 12 – Fotografia do prédio Jadeline Gonçalves.....	57
Figura 13 – Fotografia do atual prédio Jadeline Gonçalves (sede da Secretaria de Turismo e Cultura).....	57
Figura 14 – Fotografia da Praça de Eventos de Cedral .....	58
Figura 15 – Fotografia da Escola Municipal de Tempo Integral Professora Uilma Rosa .....	58
Figura 16 – Fotografia da sede da colônia de pescadores do povoado de Outeiro.....	59
Figura 17 – Fotografia de um pescador, pintando detalhes de um barco no Porto de Jacarequara .....	59
Figura 18 – Fotografia do lixão, localizado no povoado de Jacarequara .....	60
Figura 19 – Ruínas de uma igreja, localizada no povoado de Pericaúa .....	60
Figura 20 – Ruínas da antiga sede de festas Pingo de Ouro no povoado de Pericaúa .....	61
Figura 21 – Organograma da Secretaria de Turismo e Cultura de Cedral.....	62
Figura 22 – Material de divulgação do roteiro Caminho dos Guarás.....	63
Figura 23 – Turistas na Rota do Quilombo .....	63
Figura 24 – Praia de Saçoitá e Navio Fantasma Baraka.....	64
Figura 25 – Infográfico com dados sobre as populações quilombolas no Brasil e no Maranhão .....	66
Figura 26 – Dona Joana Cabecinha .....	67
Figura 27 – Experiência de turismo de base comunitária no quilombo do Canavial .....	67

Figura 28 – Tambor de Crioula.....	68
Figura 29 – A “Cigana rica”: personagem da apresentação do Pastorzinho.....	70
Figura 30 – Cena final da apresentação do Pastorzinho.....	70
Figura 31 – Processo de produção do licor.....	71
Figura 32 – Fotografia dos licores produzidos pela sra. Suzinete.....	72
Figura 33 – Fotografia da Feira de Produtos Raiz.....	73
Figura 34 – Fotografia do mestre artesão Niel Ribeiro.....	74
Figura 35 – Outra fotografia do mestre artesão Niel Ribeiro.....	75
Figura 36 – Seu Maneles nas proximidades da Praia do Português.....	77
Figura 37 – Seu Maneles com um ano de idade.....	78
Figura 38 – Seu Maneles, em entrevista a uma rede televisiva local.....	79
Figura 39 – Estaleiro Boa Esperança.....	80
Figura 40 – Moradores do povoado de Outeiro assistem a treinos dos competidores.....	82
Figura 41 – Embarcações se posicionando para a largada.....	83
Figura 42 – Quadro de resultados das entrevistas.....	86

## LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Divisão do tempo na perspectiva de Castelli.....	23
Quadro 2 – Procedimentos de coleta, de registro, de análise e de interpretação de dados.....	43
Quadro 3 – Etapas de desenvolvimento do Maranhão, a partir da colonização.....	53
Quadro 4 – Quadro-síntese das observações de campo.....	84

## LISTA DE SIGLAS

APA	Área de Proteção Ambiental
EMBRATUR	Ministério do Turismo e da Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo
NAEA	Núcleo de Altos Estudo Amazônicos
OMT	Organização Mundial do Turismo
ONU	Organização das Nações Unidas
PNT	Plano Nacional de Turismo
PNUMA	Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente
PPGSDTU	Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento Sustentável do Trópico Úmido
PRT	Programa de Regionalização do Turismo
PTEM	Plano de Turismo do Estado do Maranhão
SEBRAE	Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas
TBC	Turismo de Base Comunitária
UFPA	Universidade Federal do Pará
ZCIT	Zona de Convergência Intertropical

## SUMÁRIO

<b>1 INTRODUÇÃO .....</b>	<b>15</b>
<b>2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA .....</b>	<b>21</b>
2.1 LAZER E TURISMO: HOMOGENEIDADES HISTÓRICAS.....	21
2.2 DO CRESCIMENTO ECONÔMICO AO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL ....	25
2.3 DO TURISMO DE MASSA AO TURISMO SUSTENTÁVEL.....	32
2.4 O TURISMO NO DESENVOLVIMENTO LOCAL E A TRANSFORMAÇÃO DO LUGAR .....	33
<b>3 METODOLOGIA.....</b>	<b>37</b>
3.1 ALEGAÇÕES DO CONHECIMENTO .....	38
3.2 ESTRATÉGIAS DE INVESTIGAÇÃO.....	39
3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA.....	41
3.4 PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS.....	42
<b>4 CONHECENDO O CAMPO DE PESQUISA .....</b>	<b>46</b>
4.1 ASPECTOS FÍSICOS.....	46
4.2 FORMAÇÃO SOCIAL POLÍTICO-ADMINISTRATIVO .....	51
<b>5 O SETOR PÚBLICO DE TURISMO DO MUNICÍPIO DE CEDRAL.....</b>	<b>62</b>
5.1 REPRESENTAÇÕES SOCIOCULTURAIS.....	65
5.2 QUILOMBO DO CANAVIAL: EXPERIÊNCIA DE TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NA ROTA DO QUILOMBO.....	66
5.3 O BRASIL DO INTERIOR: O FESTEJO DOS PASTORZINHOS.....	68
5.4 O ARTESANATO COMO REPRESENTAÇÃO SOCIOCULTURAL: OS LICORES DE SUZINETE E OS BORDADOS DO SENHOR NIEL.....	71
5.5 UM LEGADO QUE VEIO DOS MARES: A HISTÓRIA DE VIDA DO SEU MANELES .....	76
5.6 LAZER E TURISMO EM DESENVOLVIMENTO: A REGATA DE OUTEIRO .....	80
<b>6 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....</b>	<b>88</b>

<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>92</b>
<b>APÊNDICES .....</b>	<b>96</b>
<b>APÊNDICE A – OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE – REGATA DE OUTEIRO 2023 ....</b>	<b>97</b>
<b>APÊNDICE B – PROTOCOLO OBSERVACIONAL – REGATA DE OUTEIRO 2023</b>	<b>98</b>
<b>APÊNDICE C – GUIA DE ENTREVISTA – REPRESENTAÇÕES SOCIOCULTURAIS .....</b>	<b>99</b>
<b>APÊNDICE D – GUIA DE ENTREVISTA – REPRESENTANTE DA SECRETARIA DE TURISMO E CULTURA .....</b>	<b>100</b>
<b>APÊNDICE E – PROTOCOLO OBSERVACIONAL – ROTEIRO TURÍSTICO .....</b>	<b>101</b>
<b>APÊNDICE F – NOTA DESCRITIVA PARA DOCUMENTOS COLETADOS .....</b>	<b>102</b>

## 1 INTRODUÇÃO

No decorrer do século XXI, as viagens turísticas se tornaram um fenômeno de grande escala, resultante das modificações das sociedades industriais e dos novos padrões de consumo. Mesmo que outros modos de deslocamentos humanos, em busca de lazer, de saúde e de negócios, historicamente se configurem como um *tour* (do latim *tornare*), é pelos avanços tecnológicos da Revolução Industrial, como nos setores de transportes e de comércio, junto da criação de uma nova classe média, que se estabelecem os sentidos modernos de trabalho e de tempo livre. Para Barbosa (2002), para Campos (2021) e para Castelli (1990), esses são fatores que fizeram das viagens uma “indústria”, em que o destino e a cadeia de serviços se tornam seus produtos.

No contexto do pós-II Guerra Mundial, a consolidação da aviação comercial e das formas de agenciamento influenciou diretamente a massificação dos destinos turísticos, atingindo seu ápice, a partir da década de 1960. Surgem, então, organizações governamentais que aproximam o poder público à atividade turística em diversas escalas, tendo em vista as possibilidades de crescimento econômico e a sua capacidade de integração aos serviços públicos (Campos, 2021; Castelli, 1990). Nesse período, discutia-se os impactos ambientais da alta industrialização e da exploração dos recursos naturais em países desenvolvidos, o que levaria à compreensão sobre sustentabilidade e à promoção de ações mitigadoras em escala global.

Portanto, a segunda metade do século XX é marcada por mudanças de paradigmas, em que crescimento econômico se difere do sentido de desenvolvimento. A crise do mundo bipolar leva a uma reconfiguração da divisão internacional do trabalho, mantendo países subdesenvolvidos na lógica do capital, bem como à exploração de um modelo de massificação no âmbito do turismo, muitas vezes dissociado das realidades locais. Zaoual (2009) apresenta que tal constatação se dá pela crise do turismo em larga escala, pois, num contexto mais recente, a demanda do turismo de massa vem perdendo sua atratividade.

A transferência de conceitos e de modelos econômicos advinda dos centros hegemônicos do conhecimento (Estados Unidos da América, União Europeia e Japão) não tem gerado avanços positivos nas economias do Sul Global, uma vez que a Globalização gera incertezas e riscos em escala local, mesmo com projetos políticos de integração e de cooperação entre os países (Zaoual, 2006). Nesse sentido, Zaoual (2006) e Sachs (2008) apontam para as sustentabilidades social e ambiental.

O turismo é inserido neste debate pela sua crítica à massificação e, formalmente, pela *Carta del Turismo Sostenible*, de 1995 (OMT, 1995), documento que coloca, em um de seus princípios e objetivos, que tal inserção há de ter as diversas oportunidades oferecidas pela economia local como base, garantindo sua integração e contribuindo positivamente para o desenvolvimento local.

Diante da crítica à massificação de destinos turísticos como fenômeno unificador de lugares, e considerando a contextualização do desenvolvimento socioambiental, o turismo aparece como alternativa à diversificação das economias locais. O setor público, juntamente dos demais atores locais, é fundamental ao turismo situado, devido as suas principais características: protagonismo da comunidade receptora; responsabilidade ambiental; e sustentabilidade. Nesse sentido, a pesquisa traz, como questão: como o setor público de Cedral tem atuado na promoção do desenvolvimento sustentável no âmbito turístico?

O objetivo geral é o de conhecer a atual conjuntura do turismo no município de Cedral-MA, as ações do setor público de turismo e o engajamento das representações socioculturais, enquanto os objetivos específicos incluem: identificar as ações do setor público de turismo em Cedral, no contexto do Polo Turístico Floresta dos Guarás; identificar o engajamento das representações socioculturais na atividade turística local; e observar as potencialidades e as dificuldades para práticas sustentáveis nos segmentos turísticos locais.

Em relação à temática do desenvolvimento local, Ultramari e Duarte (2011) tomam, como ponto de partida, o contexto histórico do pós-guerra — a segunda metade do século XX —, em que as disparidades dos países desenvolvidos e subdesenvolvidos se estabelecem pela relação de dependência, em que os países pobres passam a se especializar na produção de matéria-prima e na importação de mercadorias, exportadas pelos países ricos com alto valor agregado, submetendo aqueles a decisões centralizadas. As preocupações com tal modelo hegemônico, e as falhas de importação e de implementação deste modelo, levaram a desconfianças sobre suas reais preocupações com a equidade e com o cuidado com o meio ambiente.

Portanto, os mercados globais passam a impactar economias locais e regionais, bem como o papel dos Estados, que passa a ser enfraquecido, levando a movimentos de descentralização. Dessa maneira, os municípios passam a ter maior autonomia para decisões internas, a fim de promover transformações positivas no âmbito local (Ultramari; Duarte, 2011). A lógica do capital se impõe também na maneira como os municípios passam a concorrer entre si, pois estes devem atrair investimentos. Em outras palavras, o papel dos municípios na descentralização justifica a importância de estudar as ações do setor público em escala local.

Nessa pesquisa, como fenômeno global, o turismo tem sua corporeidade no lugar, enquanto destino modelado de produto. Nessa direção, Zaoual (2006, p. 25) aponta para a importância de estudos interdisciplinares, para compreender o desenvolvimento local no pensamento pós-global, pois, em relação a reduções, a construções abstratas e a especificidades científicas, considera que “[...] a coerência interna de um discurso não garante mais sua coerência com relação aos fatos que pretende interpretar”. Essa colocação leva a um olhar crítico sobre as propostas teóricas a respeito do desenvolvimento e sobre a sua real implementação.

A Teoria dos Sítios, proposta por Zaoual (2008, p. 63), conceitua que o “[...] sítio é uma cosmovisão, um espaço de crenças partilhadas que define o real, em um dado momento, bem como as concepções e as práticas de seus autores” A ideia do autor se conecta ao sentido de lugar, baseado em Milton Santos, a partir de suas críticas à uniformização dos lugares como consequência da Globalização, bem como a concepções recentes sobre valorização das culturas locais, frente aos processos de Globalização.

Na América do Sul, a Amazônia Internacional exige grande atenção, quanto às práticas turísticas, principalmente pela complexidade de compreensão de seu espaço, composto por sua bio e geodiversidade, por suas ancestralidades, por sua formação territorial, por suas ocupações recentes, por seus movimentos migratórios e especialmente por seu protagonismo na agenda ambiental internacional. Simonian, Pinto e Monteiro (2015) argumentam que a coexistência entre as vivências amazônicas e as problemáticas ambientais e os processos de internacionalização tem causado mudanças biossocioculturais aceleradas e, nesse contexto, o turismo (na sua forma massificada) se mostra um indutor de problemas, relacionados às populações locais. Apresenta-se, portanto, a hipótese de que o turismo situado é uma possibilidade viável à diversificação da economia local no contexto socioambiental amazônico.

Em um recorte territorial, destacamos aqui o extremo norte da costa brasileira e os limites da Amazônia Legal<sup>1</sup>, fisicamente caracterizados por extensas áreas de manguezais, de deltas e estuários da bacia hidrográfica amazônica, que incluem os espaços Golfão Marajoara, micropenínsulas do Salgado Paraense, Reentrâncias Maranhenses e Golfão Maranhense. A região das reentrâncias, por exemplo, possui manguezais densos, populações tradicionais, atividades pesqueira e agricultura (Marques; Marques, 2013), além de unidades de conservação<sup>2</sup>, que se sobrepõem territorialmente.

---

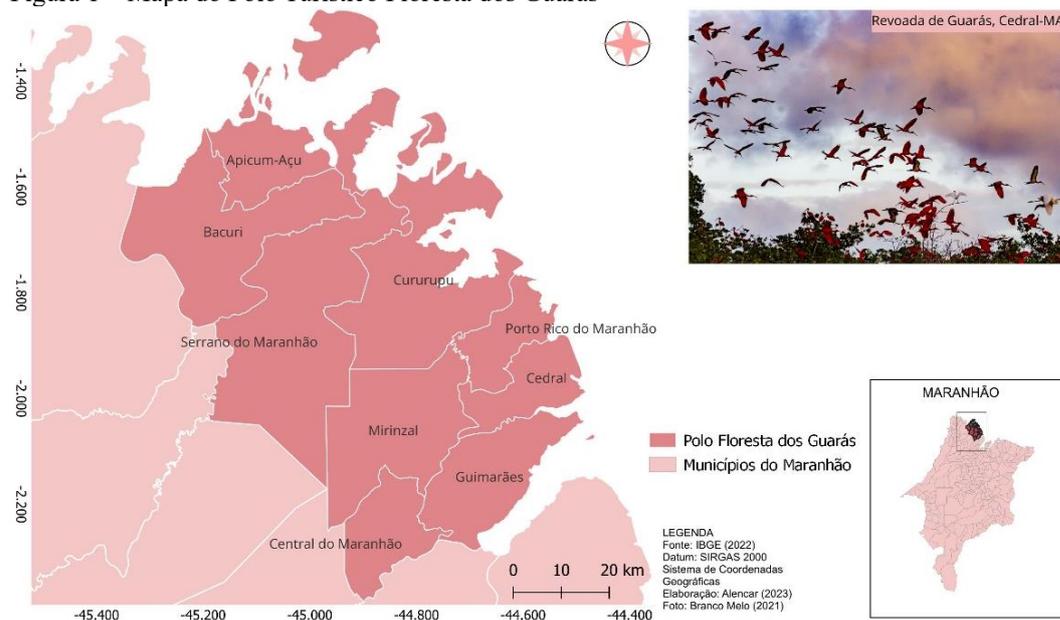
<sup>1</sup> Lei n.º 1.806, de 6 de janeiro de 1953.

<sup>2</sup> Além da APA das Reentrâncias Maranhenses, há o Sítio Hamsar, a RESEX de Cururupu e, nas proximidades, o Parque Estadual Marinho do Parcel Manuel Luís (para mais detalhes, ver nota de rodapé 7).

Nessa região da costa norte brasileira, nas proximidades do limite da Amazônia Legal, no estado do Maranhão, encontra-se o Polo Turístico Floresta dos Guarás, formado por dez municípios<sup>3</sup>. O Plano de Turismo do Estado do Maranhão 2020 (PTEM) apresenta dez polos de desenvolvimento<sup>4</sup>. Desses, o Polo Floresta dos Guarás, que abriga o município de Cedral, é apresentado como um que pouco se desenvolveu e que possui problemas de infraestrutura, como falta de saneamento básico e poucas opções de hospedagem e de alimentação, mas também indica altas prioridades para o ecoturismo e para o turismo de base comunitária (Figura 1).

A composição paisagística das zonas costeiras e as manifestações da cultura local resguardadas nas comunidades são os elementos de regionalização que constituem o polo. A busca por alternativas de valorização e de fomento a novas atividades econômicas faz com que o turismo seja visto como alternativa de desenvolvimento, o que implica os esforços dos agentes locais comprometidos com esta construção.

Figura 1 – Mapa do Polo Turístico Floresta dos Guarás



Fonte: elaborado pela autora (2023)

Em vista de que esta pesquisa busca contribuir para o entendimento sobre o papel do turismo na organização socioambiental de um recorte espacial amazônico, e considerando a importância da abrangência territorial das pesquisas na Amazônia Legal, a escolha do município

<sup>3</sup> São eles: Bequimão; Central do Maranhão; Guimarães; Cedral; Mirinzal; Porto Rico; Cururupu; Serrano; Bacuri; e Apicum-Açu.

<sup>4</sup> O PTEM apresenta, como polos indutores, São Luís, Parque dos Lençóis e Chapada das Mesas e, como polos estratégicos, Floresta dos Guarás, Delta das Américas, Munim e Lagos e Campos Floridos.

de Cedral se deu pelos critérios de exclusão dos municípios que já possuem pesquisas em curso e de viabilidade de comunicação com o setor municipal de turismo já na primeira etapa de elaboração deste projeto. Durante os primeiros levantamentos bibliográficos, observou-se a falta de trabalhos acadêmicos específicos sobre Cedral, especialmente no contexto geográfico do polo turístico. O interesse pessoal pelo campo de pesquisa surge da busca pelo conhecimento de novos lugares no trópico úmido e da necessidade de criar possibilidades para novas pesquisas.

É importante destacar que um polo turístico provém da regionalização do espaço turístico brasileiro, pois, no âmbito das políticas públicas, o governo federal, por meio do Ministério do Turismo e da Agência Brasileira de Promoção Internacional do Turismo (EMBRATUR), apresentou o Plano Nacional de Turismo 2018-2022 (PNT). Precisamente, ele objetiva o ordenamento das ações do setor público e propõe medidas, que visam a consolidação da atividade turística como eixo de desenvolvimento (Brasil, 2018). Entre as diretrizes apresentadas pelo PNT está o fortalecimento da regionalização, além do estabelecimento de melhorias na qualidade e na promoção de competitividade, de inovação e de sustentabilidade.

Com ênfase na regionalização, destaca-se o Programa de Regionalização do Turismo (PRT), que adota a gestão descentralizada e a abordagem territorial como premissas. As instâncias de governança regional são importantes para a gestão descentralizada, pois atuam para o desenvolvimento e para a organização da atividade turística em escala local, em consonância com os municípios do polo, por meio de seus representantes.

O turismo é constantemente apresentado como alternativa econômica para a promoção do desenvolvimento local, questão que se faz presente nas políticas públicas nacionais, regionais e locais. Na região amazônica, a sustentabilidade e a responsabilidade pelo uso dos recursos naturais são características fundamentais, especialmente se tratarmos da prática turística em áreas de conservação. Em contextos de subdesenvolvimento, cabe pensar nos caminhos para que o turismo sustentável, com protagonismo das comunidades locais, torne-se possível, mesmo diante dos processos globalizantes e da massificação de destinos.

Inicialmente, é apresentada a problemática da pesquisa, em que são postos em discussão as contradições e dicotomias da grande área da pesquisa e o desenvolvimento socioambiental, nesse caso no contexto da Amazônia maranhense. Tanto a problemática, quanto as questões propostas, buscam instigar reflexões críticas sobre a urgência de novos modelos de fomento ao turismo, que sejam menos degradantes, não invasivos e coerentes com o ambiente em estudo.

A segunda seção apresenta a fundamentação teórica, com base na ciência geográfica, considerando suas perspectivas críticas e suas categorias região e lugar, na Teoria Geral do

Turismo e nas discussões sobre lazer. Inclui-se, também, uma breve evolução da ideia de sustentabilidade, enquanto paradigma, considerando o papel do turismo no atual contexto histórico. Evidenciam-se aqui as contradições entre o desenvolvimento socioambiental e o distanciamento da práxis — nesse último ponto, toma-se a Teoria dos Sítios por base.

A terceira seção apresenta as metodologias e as técnicas de pesquisa, a qual possui caráter interdisciplinar e cunho qualitativo, baseados no modelo estudo de caso, pois se concentra no município de Cedral e aborda um conjunto de elementos, que possibilita um estudo das ações do setor público de turismo local, num momento em que a atividade ainda é incipiente, como o ordenamento administrativo e a presença do município em um polo regional e no mapa do turismo brasileiro. O alcance dos objetivos também está presente nesta seção, especificado pelos métodos qualitativos.

O trabalho apresenta, na sua quarta seção, a caracterização da área de estudo, resultante mormente das informações coletadas, durante a pesquisa de reconhecimento de campo, ocorrida em janeiro de 2023. Inicialmente, são apresentados os elementos físicos da geografia local, dada a importância das áreas úmidas costeiras, seguidos da formação social político-administrativa do município.

A quinta seção apresenta um panorama do setor público de turismo de Cedral, abordando seu atual ordenamento, as atividades realizadas, desde a criação da secretaria, e as representações socioculturais, resultantes da pesquisa de campo. Finalmente, reitera-se o sentido de contribuição desta pesquisa para o município de Cedral e para o futuro do turismo na região.

## 2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA

A emergência de *um turismo de profundidade* baseado em novas relações com a cultura dos sítios e como o meio ambiente natural é um dos sinais da crise da civilização industrial. Esta última foi construída sobre uma cultura que produz, e sobre iniciações de multiplicação ao infinito de necessidades frequentemente artificiais (Zaoual, 2009, p. 69).

Nesse capítulo, aborda-se os temas que fundamentam a pesquisa, com o intuito de sensibilizar para a percepção de que um produto turístico é constituído de correlações socioambientais historicamente construídas e constantemente transformadas. O olhar da Geografia está presente, pelos pensamentos de Santos, por meio da crítica à mundialização dos lugares, de Dumazedier, na construção da concepção sobre lazer, de Sachs e Leff, para compreender o paradigma do desenvolvimento sustentável, e de Zaoual, através da chamada Teoria dos Sítios, base para compreensão do turismo local, frente aos destinos massificados. Outros autores, que abordam a história do turismo, o lazer e o desenvolvimento, também foram consultados, para fins de contextualização da temática.

Ao escrever sobre a força do lugar, Santos (1926-2001) aponta para as transformações do mundo moderno provocadas pelos deslocamentos humanos, as quais ocorrem tanto nos indivíduos quanto nos lugares. Imagine-se, por exemplo, a capacidade transformativa de alguém que sai do seu lugar de origem, tendo um grande centro urbano como destino, que passará a ser seu espaço por determinado tempo. Nesse sentido, o que acontece, conforme Santos (2006, p. 222), “[...] quando o [ser humano] se defronta com um espaço que não ajudou a criar, cuja história desconhece, cuja memória lhe é estranha”?

### 2.1 LAZER E TURISMO: HOMOGENEIDADES HISTÓRICAS

Partindo de uma abordagem histórica, o turismo, enquanto atividade econômica, estrutura-se com o advento das sociedades industriais. De acordo com Castelli (1990), no contexto da Europa Ocidental e da América do Norte, as viagens já configuravam um relevante produto de consumo em meados de 1840. Barbosa (2002) argumenta que muito se deve ao avanço das malhas ferroviárias e aos transatlânticos. No século XX, a aviação comercial e a informatização dos sistemas de reservas também são marcos no avanço da atividade turística.

No contexto da Revolução Industrial, a luta pelos direitos das classes trabalhadoras impactou a relação entre as sociedades urbanas e o lazer e o turismo. Esse recorte temporal, na

perspectiva de Dumazedier (1974), é o ponto de partida para a compreensão dos fenômenos aqui enfocados. Na visão de Castelli (1990), o “[...] lazer na atualidade, está sob a batuta da Revolução Industrial. Em vista disso, ele leva no seu âmago elementos nunca antes vistos” (Castelli, 1990, p. 29). Quais elementos seriam estes, pois, nas ordens globais anteriores, também havia uma divisão empírica do tempo?

Em *Sociologia empírica do lazer*, Dumazedier (1974) argumenta que, nas sociedades antigas, o trabalho e o divertimento faziam parte do mesmo contexto diário, sem apresentar oposição. Nas sociedades pré-industriais, o autor atenta para a influência do meio físico no tempo do trabalho, em que a natureza e os seus ciclos orientavam as atividades, não existindo uma divisão tão evidente entre o trabalho e o descanso, portanto. Então, quais seriam as condições para a concepção de lazer?

Na perspectiva de Dumazedier (1974), dois aspectos se destacam: as regras de uma comunidade passam a não exercer imposições nas sociedades industriais e pós-industriais, no que diz respeito aos ritos coletivos; e há uma divisão marcada entre o tempo livre e o tempo do trabalho. Esses aspectos estão presentes nas transformações do modo de vida rural (que passa a ser ordenado, segundo o modo de vida urbano) e tendem a continuar presentes nos países em subdesenvolvimento, quando estes aderem à industrialização como forma de crescimento.

O lazer se constitui de quatro propriedades, como posto por Dumazedier (1974): o caráter liberatório (pois o lazer encerra uma fuga das obrigações institucionais); o caráter desinteressado (a desvinculação de um interesse lucrativo); o caráter hedonístico (proveniente das buscas por satisfação, característica das sociedades modernas); e o caráter pessoal (ligado à capacidade de transformação pessoal que o lazer possibilita, por meio da sensação de liberdade, em relação ao cotidiano e/ou às estruturas sociais).

Dumazedier (1980) apresenta os interesses físicos, manuais, artísticos, sociais e intelectuais como conteúdos ou interesses do lazer. Camargo (1986) acrescenta o interesse turístico a estes, o qual surge do conjunto de atrações que motiva as pessoas a se deslocarem. Para Camargo (1986), o ato de viajar não é apenas um movimento geográfico, mas uma busca por vivências e por experiências com culturas diferentes.

A divisão do tempo, marco da Revolução Industrial, implica principalmente a construção do modo de vida urbano, no qual as longas jornadas de trabalho levam a lutas sindicais, em busca de direitos para as classes trabalhadoras. O Quadro 1 sintetiza a divisão do tempo, baseada em Castelli (1990).

Quadro 1 – Divisão do tempo na perspectiva de Castelli

Tempo biológico	Destinado às necessidades fisiológicas (comer e dormir)		
Tempo de trabalho	Tempo gasto na produção e na dinâmica do sistema econômico		
Tempo livre	O que sobra do tempo do trabalho (uma parte do qual acaba por ser destinada ao tempo do trabalho)	Tempo de lazer	Não é gasto com algo produtivo, pois o indivíduo não tem possibilidade de escolhas ou condições financeiras neste tempo
		Tempo morto	
Tempo inoperante	Sem compromisso com qualquer objetivo		

Fonte: elaborado pela autora, com base em Castelli (1990)

A Figura 2 demonstra uma cena do filme de ficção científica *Metrópolis*, de 1927. Marcado pelo expressionismo alemão, o filme retrata uma sociedade futurística dividida por classes. Nela, o Submundo é destinado aos trabalhadores de *Metrópolis* e, na Superfície, um lugar chamado Clube dos Filhos, em que há salões de jogos, uma biblioteca e um estádio esportivo, é destinado a uma casta superior. Na imagem, observa-se a personagem Freder (filho do Homem Magro, dono de *Metrópolis*), que, ao assumir o lugar de um dos trabalhadores, sente a exaustiva função de controlar os ponteiros do relógio da fábrica na pele.

Figura 2 – Cena do filme *Metrópolis*, de 1927

Fonte: *Metrópolis* (1927)

A cena dramática pode ser interpretada, pelo espectador, como a pressão pelo controle da produção industrial, que leva ao estado de esgotamento. Em determinado momento, surgem os numerais do relógio, que podem indicar o final ou a troca de turno dos trabalhadores. Em suma, trata-se uma crítica ao controle do tempo, ao sistema de produção e à divisão de classes, que tende a continuar acentuada nas sociedades futuras.

No manifesto *Le Droit à la Paresse*, de 1883, Paul Lafargue sustenta radicalmente que o ócio, o descanso e a preguiça não devem ser associados à falta de produtividade. A supervalorização do trabalho (ideia que se sustentou no meio liberal e que alcançou as classes trabalhadoras no curso da alta industrialização, especialmente na França e na Inglaterra) foi a grande crítica presente no manifesto. Para Lafarge (1999, p. 45), os “[...] proletários meteram na cabeça infligir aos capitalistas dez horas de forja e refinaria, eis o grande erro, a causa dos antagonismos sociais e guerras civis. Será necessário não impor o trabalho, mas proibi-lo”.

Na Europa do século XIX, a alta industrialização e os novos modos de vida, em especial o urbano, provocaram transformações sociais, como o surgimento de uma nova divisão do trabalho. Frente à visão idealista, Marx e Engels mostram que a ação humana leva ao exercício do pensar sobre a realidade, que surge como uma percepção revolucionária. O desenvolvimento das sociedades passa, nos termos de Lefebvre (1999), a ser analisado e pensado, a partir de suas forças produtivas.

O paradigma do materialismo histórico orienta a construção da crítica ao capitalismo e as interpretações sobre suas contradições, por isto assume um caráter dialético, enquanto método (Lefebvre, 1999). A história do crescimento econômico, as articulações políticas e sociais para o desenvolvimento, ao longo das décadas, o ecodesenvolvimento e a sustentabilidade podem, a partir desta perspectiva, ser discutidos criticamente, sem se ausentarem das problemáticas do paradigma em curso.

Em relação ao modo de vida urbano, Lefebvre (1968) discute, em *O direito à cidade*, a problemática urbana, a partir de suas concepções históricas, e busca apontar caminhos para que os problemas levantados entrem na consciência do público e, principalmente, nas políticas públicas: “A cidade preexiste à industrialização” (Lefebvre, 1968, p. 11), e a industrialização é o ponto de partida para compreendermos o nosso tempo.

Diferentemente das antigas Cidades-estados, tem-se agora um sistema urbano (a sociedade, o Estado e a cidade), que possui questões específicas, tais como valor de uso e valor de troca e extensão e organização do território, além de processos conflitantes, como: “[...] industrialização e urbanização; crescimento e desenvolvimento; produção econômica e vida social” (Lefebvre, 1968, p. 16). Em termos gerais busca-se:

[...] romper com os sistemas, não para substituí-los por um outro sistema, mas para abrir o pensamento em direção de possibilidades que mostrem novos horizontes e caminhos. É contra uma forma de reflexão que tende para o formalismo que um pensamento que tende para a abertura trava o seu combate (Lefebvre, 1968, p. 9).

O autor tece críticas ao uso da cidade como objeto de consumo cultural, em que os turistas buscam incessantemente o pitoresco, o espetáculo. No entanto, os contextos de países em subdesenvolvimento, em que atividades de lazer ainda não são direitos acessíveis e em que novos segmentos turísticos são vistos como alternativas econômicas nos mais diversos contextos urbanos, exigem uma análise das correlações entre modos de vida das populações, agentes públicos e lugares como elementos formadores de ambientes, para os quais o desenvolvimento se enseja.

## 2.2 DO CRESCIMENTO ECONÔMICO AO DESENVOLVIMENTO SUSTENTÁVEL

Na necessidade de progresso, sustentada pelos ideais positivistas, o capitalismo industrial possibilitou os acúmulos do capital e dos meios de produção, pautados no liberalismo, em que o mercado atua como próprio agente regulador. O paradigma do desenvolvimento sustentável tem se configurado, desde a segunda metade do século XX, como um grande desafio às futuras gerações. Primeiramente, abordaremos a questão crescimento *versus* desenvolvimento, para que, a partir de Sachs (2008), possamos compreender a construção do paradigma da sustentabilidade, seguido de Leff (2010), que sustenta uma abordagem interdisciplinar para a apreensão da problemática ambiental.

Partindo de uma abordagem histórica, é importante compreender como se desenham as principais contradições e dicotomias que configuram os desafios contemporâneos sobre o desenvolvimento, principalmente no que se refere a países subdesenvolvidos e a regiões que estão no centro dos discursos internacionais. Pensar o desenvolvimento como um processo intrínseco à construção das Ciências em seus cursos epistemológicos é buscar entender as articulações de contextos históricos em seus aspectos macro, conectando-os às realidades microespaciais.

A formação da sociedade capitalista pode ser vislumbrada, a partir de suas fases e de suas percepções sobre economia como instrumento de crescimento, que, ainda que eurocêntricas, constituem-se como hegemônicas nos campos político e institucional. Cabe aqui a pergunta: um modelo de desenvolvimento fundamentado na autonomia e nas singularidades socioeconômicas locais é possível?

Na economia mercantil do século XV, a burguesia se solidificava, enquanto classe que viria a reconfigurar o mundo europeu na mudança da sociedade feudal para as novas modalidades de relações. Segundo Sauer e Pinto (2016), a fase do metalismo, caracterizada pela

busca de recursos e pelo acúmulo de territórios, influenciou diretamente as profundas transformações provocadas pelas colonizações, em especial nos trópicos, de onde era possível obter recursos para as criações das cidades e do modo de vida urbano, por meio da exploração das forças de trabalho. Como colocado, frente à necessidade de progresso, sustentada pelos ideais positivistas, o capitalismo industrial, pautado no liberalismo, possibilitou os acúmulos do capital e dos meios de produção, fazendo do mercado o seu próprio agente regulador.

Na segunda metade do século XVII, Adam Smith, em sua obra *A riqueza das nações*, apresenta a ideia de que interesses individuais impulsionariam o crescimento econômico (Kishtainy, 2017). Segundo este autor, o mercado se intensifica e a especialização, também, aumentando a eficiência da produção, mas, para Smith, não seria apenas o solo ou o ouro o que media a riqueza de uma nação, mas as quantidades de seus bens úteis, ou seja, tudo o que ela seria capaz de acumular.

Rostow (1972) divide o processo de desenvolvimento econômico em cinco etapas, presentes nas sociedades e em suas estruturas, ao longo da história: a sociedade tradicional; as condições para o arranco; o arranco; a marcha para a maturidade; e a era do consumo de massa. Para o autor, na sociedade tradicional, a agricultura originava a hierarquia social e os vínculos familiares estabeleciam o papel dos indivíduos num “fatalismo a longo prazo”.

O poder político se centralizava nos que possuíam controle da terra, que iam além das regiões de seus domínios. Historicamente, a sociedade tradicional se refere ao mundo pré-newtoniano, e as mudanças nesta estrutura social ocorrem na medida em que os seres humanos passam a manipular a natureza. Assim, criam-se as condições para o arranco:

As condições para o arranco se desenvolveram pela primeira vez de forma bem acentuada, na Europa ocidental no fim do século XVII e início do século XVIII, à medida que as concepções da ciência moderna principiaram a se converter em novas funções de produção, tanto da agricultura quanto da indústria, no ambiente dinamizado pela expansão paralela dos mercados mundiais e pela concorrência internacional por estes (Rostow, 1972, p. 18).

Nesse período, surgem elementos importantes, que configuram uma sociedade que se prepara para avanços e para inovações: relação tempo-dinheiro; ampliação da educação, para necessidades de atividades econômica; instituições de mobilização do capital; investimentos em transporte e em outros serviços, entre outros. Rostow (1972) considera que havia uma baixa produtividade neste período, devido aos antigos valores e às práticas regionais da sociedade tradicional, e que, no âmbito político, a formação dos Estados nacionais foi decisiva nas condições.

Na terceira etapa, o arranco, Rostow (1972) afirma que já havia forças atuando para o progresso econômico e que o desenvolvimento passa a ser normal. Nesse ponto, é importante destacar que a ideia de desenvolvimento ainda está condicionada/atrelada ao progresso econômico, baseado nos modos de acumulação de capital e de renda. Essa percepção tende a ser ampliada, na medida em que surgem novos paradigmas.

[...] pode-se atribuir aproximadamente o arranco da Grã-Bretanha às duas décadas após 1783; da França e dos Estados Unidos, a várias décadas precedendo 1860; da Alemanha, ao terceiro quartel do século XIX; do Japão, ao último quartel do século XIX; da Rússia e do Canadá, ao quartode século imediatamente anterior a 1914; no decênio iniciado em 1950, a Índia e a China, de maneiras assaz diferentes, lançaram-se aos seus respectivos arrancos (Rostow, 1972, p. 21).

As relações econômicas passam por processos de modernização, com avanços tecnológicos na agricultura e na indústria. Nos termos de Kishtainy (2017), novos métodos de cultivo passam a ser utilizados no setor agrícola, a fim de dar conta do aumento populacional nas cidades, mas se destacam as mudanças na exploração e no uso da terra, em que as relações de trabalho se reconfiguram. Os proprietários passam a delimitar a terra e, assim, pastores e agricultores se tornam funcionários assalariados, mas a maior parte dos investimentos passa a se concentrar na economia industrial.

Sob a influência teórica de Smith, o economista David Ricardo (1772-1823) desenvolve reflexões sobre um novo paradigma: “Como a riqueza crescente de um país seria dividida entre proprietários de terra, capitalistas e a massa de trabalhadores?” (Kishtainy, 2017, p. 48). O pensamento então predominante considerava que o comércio e a competição construíram a prosperidade, sendo o mercado o agente fundamental ao crescimento.

A fase da maturidade é caracterizada, segundo Rostow (1972), pela capacidade de desenvolvimento de aptidões técnicas e organizacionais, pelas quais tudo pode ser produzido e a economia avança para além das indústrias. No século XX, a Era do Consumo em Massa, a renda real por pessoa aumenta num movimento comportamental de consumo, em que as necessidades não se restringem apenas a condições básicas como alimentação, habitação e vestuário. Conforme Rostow (1972, p. 24), o fortalecimento do setor de serviços gera o “[...] surto do Estado de Bem-Estar (*Welfare State*)”.

Tais avanços superaram as concepções malthusianas, caracterizadas pela ideia de que certos “freios”, como fome, guerras e doenças, agem como pontos de reajustes demográficos, num contrapeso à relação densidade população-produção de alimentos (Kishtainy, 2017). No contexto dos países desenvolvidos, capazes de ditar as regras da dinâmica econômica, as teorias

clássicas vigoram e criam parâmetros para a divisão internacional do trabalho. Assim, aos países colonizados restou uma posição passiva, diante dos processos da Globalização.

As etapas propostas por Rostow (1972) demonstram que a economia de uma nação é estruturada por um processo dualista, em que determinadas regiões de um país podem apresentar estágios de arranco e outras, estarem em estágios de marcha para a maturidade. Esse processo dualista caracteriza diferentes regiões do mesmo país em desenvolvidas e subdesenvolvidas, sendo aplicado como instrumento de categorização das economias entre os países em diferentes estágios de desenvolvimento.

O fenômeno da Globalização estabelece seu modelo econômico, pautado no neoliberalismo, que, segundo Santos (1988), usa o espaço como campo de forças multidirecionadas, em que a especialização desenfreada de elementos<sup>5</sup> gera uma dualidade, na qual o espaço global é singular e, ao mesmo tempo, específica, ou seja, mesmo que os lugares possuam especificidades, eles estão condicionados ao padrão do modo de produção hegemônico. Assim, os países do Sul sempre estarão em uma posição passiva, diante de tais forças, que foram historicamente construídas e que se reafirmam na medida em que se avança na tecnologia, na comunicação e na inovação.

Bresser-Pereira (2006) é categórico ao afirmar que não há como pensar em um desenvolvimento desvinculado da produção e da renda média: “O desenvolvimento econômico é um processo de transformação que implica mudanças nos três níveis ou instâncias de uma sociedade: estrutural, institucional ou cultural” (Bresser-Pereira, 2006, p. 9). O sistema capitalista mantém os mecanismos de mercado que geram o desenvolvimento econômico, dentro de um processo auto-sustentado; crescimento que se dá por dois fatores fundamentais: “[...] acumulação de capital e capacidade de incorporação do progresso técnico à produção” (Bresser-Pereira, 2006, p. 2).

A capacidade produtiva de um país se dá pelos níveis de suas instituições formais e informais, que, ao assumirem políticas de estratégia nacional capazes de promover competitividade internacional, tornam possível o aumento das taxas de desenvolvimento.

Quando uma economia está em pleno processo de crescimento é sinal de que existe uma estratégia nacional de desenvolvimento, que seu governo, seus empresários, técnicos e trabalhadores estão trabalhando de forma concertada na competição econômica com as demais nações (Bresser-Pereira, 2006, p. 2).

---

<sup>5</sup> Como instituições, força de trabalho, empresas e meio ambiente.

Em uma breve abordagem histórica, Bresser-Pereira (2006) aponta, como marcos fundamentais: a Revolução Agrícola; a Revolução Comercial; a criação dos Estados nacionais; e o surgimento da burguesia. É com a formação dos Estados nacionais que a industrialização se torna possível, pois estes assumem o papel de condução do processo de desenvolvimento moderno, tendo, como premissas, as garantias de propriedade e de contratos, as formas de estímulo aos investimentos e a educação pública institucionalizada — essa última tem o papel de formar mão de obra produtiva, que tende a ser cada vez mais especializada.

Numa perspectiva capitalista, seis conceitos são fundamentais em uma maior compreensão de sua abordagem: Nação; sociedade civil; Estado; Estado-Nação; mercado; e dinheiro, sendo, as duas últimas, as instituições que tornam o desenvolvimento econômico possível (Bresser-Pereira, 2006). O mesmo Bresser-Pereira (2006, p. 10) afirma que, mesmo com o processo de desindustrialização vivido pelos países desenvolvidos na segunda metade do século XX, esses continuaram a crescer, devido a um efeito de transferência de mão de obra para atividades com “[...] maior valor adicionado”.

Com o advento da Globalização na nova configuração da multipolarização, surge uma nova perspectiva a respeito de desenvolvimento, em que o bem-estar não significa necessariamente o valor da renda *per capita*. Até aqui, abordamos o desenvolvimento atrelado à ideia de crescimento econômico, mas seguiremos com a evolução do conceito, em que Bresser-Pereira (2006), citando o economista austríaco Joseph Schumpeter (1883-1950), apresenta a diferenciação entre desenvolvimento e crescimento.

Diga-se, ainda, que o crescimento está correlacionado ao aumento da renda *per capita*, enquanto o desenvolvimento envolve transformações sociais e políticas, correspondendo a uma maior abrangência, no que tange à qualidade de vida das populações. Nos termos de Schumpeter (*apud* Bresser-Pereira (2006)), os países estão divididos em desenvolvidos, de desenvolvimento médio e pobres na atualidade. Tanto os de desenvolvimento médio quanto os pobres foram colônias, anteriormente, mas os primeiros lograram uma superação parcial da sua condição colonial e realizaram a acumulação primitiva necessária à revolução capitalista. Ainda, tais países estão tentando realizar suas revoluções nacionais, mas poucos deles conseguiram estabelecer as bases de uma economia capitalista (Bresser-Pereira, 2006).

A expansão do conceito provoca a formação de novas complexidades, que envolvem a qualidade de vida e que alcançam as realidades dos países subdesenvolvidos. O percurso da História segue a experiência europeia, mas, no emergir da nova Globalização, enfrenta as contradições dos países do Sul.

Nesse contexto, Barquero (2001) apresenta que as políticas dos polos de crescimento se

generalizaram na América Latina, na Ásia e na Europa, nos anos de 1970 e de 1980, e “[...] vem ganhando ímpeto a abordagem conhecida de ‘baixo para cima’, formada por políticas propostas e administradas pelos governos locais e regionais e que procuram assegurar o desenvolvimento econômico de cidades e regiões” (Barquero, 2001, p. 181). Todavia, de acordo com o autor, há que se pensar num ajuste produtivo que vise a produção local como alternativa aos impactos da desindustrialização, principalmente nos países do Sul, de desenvolvimento tardio.

Em tempos de Globalização, como pensar num desenvolvimento endógeno? Barquero (2001) propõe a necessidade de visões policêntrica e sistêmica sobre o desenvolvimento, e que este seja duradouro, de múltiplos objetivos e com políticas públicas setoriais, em cooperação com agentes locais e externos, além de investimentos em inovação, em tecnologia e em conhecimento. Nesse viés, as políticas locais têm que ser pensadas de modo descentralizado, visando a promoção da capacidade produtiva local, através do incentivo aos empreendimentos locais.

Devido a isto, considera-se que estes países possuem capacidades de liderança nos processo de desenvolvimento, além de flexibilização no sistema produtivo, de aumento na capacidade empresarial e de qualificação no capital humano (Barquero, 2001). O grande desafio do desenvolvimento endógeno está em fortalecer a capacidade competitiva e a sustentabilidade de projetos locais no longo prazo, uma vez que tais fatores encaram o agressivo sistema de produção hegemônico, cada vez mais especializado e com alta concorrência internacional.

No campo institucional, um dos marcos foi a criação da Organização das Nações Unidas (ONU) como organismo de cooperação entre os países, para as promoções da paz, da justiça, da segurança e dos progressos econômico e social. O chamado Sistema ONU se estrutura, ao longo das décadas, seguindo os temas emergentes no mundo, com destaques para o Programa das Nações Unidas para o Meio Ambiente (PNUMA) e para a Organização Mundial do Turismo (OMT) — uma das agências especializadas na promoção e no desenvolvimento do turismo.

Ao se considerar o novo cenário que se apresenta, cabe retomar a ideia de desenvolvimento, que agora assume a perspectiva da sustentabilidade de modo mais evidente, visto que tal é um núcleo de debates e de propostas governamentais, desde a década de 1980: “O desenvolvimento sustentável obedece ao duplo imperativo ético da solidariedade com as gerações presentes e futuras, e exige a explicitação de critérios de sustentabilidade social e ambiental e de viabilidade econômica” (Sachs, 2008, p. 36).

O autor também aponta as dimensões do desenvolvimento sustentável: social; ambiental; territorial; econômico; e político. Para Sachs (2008), uma mudança em escala global poderia ser alcançada, a partir da reconfiguração da relação Norte-Sul, em que o primeiro

modificaria seus padrões de consumo. Em um contexto do subdesenvolvimento, a operacionalização de um desenvolvimento sustentável se mantém atrelada às políticas de crescimento econômico, mas movimentos têm surgido como modelos alternativos de ações em nível local, frente à competitividade e aos mercados especializados.

Portanto, a questão ambiental exige um olhar multidisciplinar, pois a interdisciplinaridade desta problemática possibilita, segundo Leff (2010), a operacionalização de uma nova racionalidade produtiva, via teorias sociais e tecnologias emergentes. Segundo o autor, o saber ambiental tem um diferencial em sua gênese, por se imbricar nos mais diversos paradigmas teóricos: “A questão ambiental aparece como sintomas a crise da razão da civilidade moderna, como uma crítica da racionalidade social e do estilo de desenvolvimento dominantes, e como uma proposta para fundamentar o desenvolvimento alternativo” (Leff, 2010, p. 138).

Ao sustentar que a questão ambiental em curso possui um caráter interdisciplinar, Leff (2010) afirma que as Ciências Sociais contribuem para a definição deste paradigma, que advém de um processo dialético, pois, na construção do campo de estudos ambientais, “[...] um saber ambiental emergente vai-se internalizando dentro dos paradigmas teóricos e das temáticas tradicionais das ciências sociais para gerar um conjunto de disciplinas ‘ambientais’” (Leff, 2010, p. 141). Segundo o autor, deste saber surgem transformações conceituais e metodológicas, que as Ciências que se debruçam sobre a questões ambientais tendem a enfrentar, em algum momento.

Com base nas percepções de Leff (2010), podemos tomar como exemplo a própria teoria econômica, que tem buscado ampliar sua abordagem a respeito do desenvolvimento, incluindo as legítimas preocupações com o uso de recursos naturais. O saber ambiental está em construção e tem exigido uma visão holística das problemáticas de nosso tempo. Embora tenhamos formado bases conceituais para evoluir no discurso sobre a importância de compor um desenvolvimento que abranja outras dimensões da vida social, ainda mantemos sua característica inicial, principalmente ao tratarmos de ações governamentais.

A pandemia da COVID-19 colocou à prova as capacidades de tomada de decisão dos países, bem como evidenciou a importância dos serviços públicos de saúde e das redes de solidariedade, dentro de uma experiência que desafiou a sinergia entre as diversas áreas. Ao observarmos as movimentações dos mercados e das economias dos países, evidenciou-se as hegemonias políticas, em que o sistema neoliberal se reafirma.

A qualidade de vida se tornou algo a ser alcançado pelos países do Sul, mas, como vimos, aspectos históricos e geopolíticos tornam este objetivo um grande desafio, que perpassa

o uso responsável de recursos naturais, o acesso à educação, os serviços públicos de saúde e o campo econômico. Por fim, a dicotomia globalização-desenvolvimento local se torna uma constante, assim a sustentabilidade ainda é um desafio, quanto à sua operacionalização.

### 2.3 DO TURISMO DE MASSA AO TURISMO SUSTENTÁVEL

Um breve panorama da evolução do turismo, especialmente no continente europeu, remonta às antigas civilizações. Na Grécia e em Roma, pessoas viajavam para assistir a jogos olímpicos e a festivais religiosos e para visitar santuários — os romanos desenvolveram extensas redes de estradas, facilitando estas viagens, por exemplo. Na Idade Média, muitos peregrinos viajavam a pé ou a cavalo para visitar locais sagrados, como Roma, Jerusalém e Santiago de Compostela, na Espanha (Barbosa, 2002).

No Renascimento, nos séculos XIV e XVII, destacam-se viagens por motivos educacionais e culturais. A aristocracia europeia promovia o *Grand Tour*, que consistia em viagens culturais de jovens nobres, especialmente para a Itália, para a França e para a Alemanha, como um rito de passagem. Os banhos medicinais e os destinos de cura também motivavam os viajantes, que faziam parte de classes sociais abastadas (Barbosa, 2002).

Durante a Revolução Industrial, surgiram avanços significativos nos meios de transporte, o que democratizou as viagens, tornando-as acessíveis a uma parte da população. Destacamos os feitos de Thomas Cook (1808-1892), como o início das viagens organizadas para grandes grupos. Aproveitando-se da expansão das ferrovias, ele organizou uma viagem para quinhentos passageiros, com o apoio da companhia ferroviária *Midland Counties*, que ofertou tarifas reduzidas. Cook também fez uso de campanhas publicitárias, de promoções e de *vouchers* (Barbosa, 2002).

Na década de 1960, o *boom* turístico intensifica a massificação dos destinos, e os sistemas de intermediação entre agências e companhias aéreas promovem compras acessíveis e diversificação de rotas. Com o advento da *Internet*, crescem as ferramentas de compras online e as agências precisam se readaptar, uma vez que há uma relação direta entre clientes e companhias aéreas.

Em uma provocativa comparação de extremos, Zygmunt Bauman (1925-2017) descreve as diferenças entre os “turistas perfeitos” e os “vagabundos incuráveis”: os primeiros veem o mundo pela atratividade, enquanto os vagabundos se movem por achá-lo hostil; os turistas deixam o lugar, quando este já não oferece nada que possa diverti-los, enquanto os vagabundos

tornam o espaço intolerável com sua presença. Mas o que separa um do outro é, de fato, o grau de liberdade, diante das escolhas.

Para Bauman (1999), a liberdade de escolha é um elemento atenuante da estratificação social; quanto mais alguém pode escolher, maior é sua posição na hierarquia social. Escolher se deslocar, ou melhor, circular implica consumir — comportamento esperado nos templos de consumo, por exemplo. A busca pelo efêmero é o que caracteriza alguém como turista? Para um imigrante, um nômade ou um vagabundo, estar em um novo lugar implica uma reformulação, em que novos aprendizados são inevitáveis. Mas que efeitos um lugar novo provoca em alguém que é visto, pelo mercado, apenas como um consumidor da indústria de massa? Qual é a capacidade transformativa deste indivíduo?

Precisamos também considerar que a busca pelo efêmero pode adotar outra perspectiva, ao se recorrer à abordagem histórico-sociológica das classes trabalhadoras: o direito ao lazer, frente à mudança do tempo da natureza para o tempo das máquinas, é concomitante ao desenvolvimento do turismo moderno.

#### 2.4 O TURISMO NO DESENVOLVIMENTO LOCAL E A TRANSFORMAÇÃO DO LUGAR

O geógrafo marroquino Hassan Zaoual propõe, na chamada Teoria dos Sítios, uma análise dos lugares e dos significados destes no espaço geográfico. Tal abordagem coloca que o espaço é composto por diferentes “sítios”, que são locais com significados e com funções específicas, dentro de uma organização espacial. Segundo o autor, cada sítio possui uma identidade única, construída pelas interações sociais, culturais e econômicas que ocorrem neste espaço. Enfatiza-se, também, a importância de entender como ocorrem tais interações, a fim de compreender a organização do espaço e como as sociedades se relacionam com o ambiente em que vivem.

O sítio não é uma delimitação geométrica, nem os “não-lugares”, nem espaços virtuais, mas “[...] uma entidade material que impregna o conjunto da vida em dado meio” (Zaoual, 2006, p. 32). Eles possuem uma **caixa-preta**, que contém os mitos fundadores; uma **caixa conceitual**, que traz os conjuntos de conhecimentos empíricos e teóricos; e uma **caixa de ferramentas**, que contém o saber-fazer, as técnicas e os modos de organização. Mas, antes de se tornarem uma entidade material, são os aspectos imateriais que fornecem as balizas para as organizações sociais.

Ao conectar a Teoria dos Sítios à Teoria do Desenvolvimento, Zaoual (2006) relembra que, após décadas de experiências com modelos de desenvolvimento para os países do Sul Global, deve-se considerar que não houve um sentido que assegurasse os resultados esperados em tais tentativas, havendo grandes diferenças entre os modelos de civilização global e os sítios de crenças, carregados no inconsciente e nos modos de vida. Hoje, os países do Sul vivem ciclos de incertezas, sempre dependentes dos movimentos externos as suas realidades locais.

A ideia de Zaoual (2006) tem, como premissa, o mito do mercado global, ou seja, não existe apenas o mercado global, com suas cadeias complexas de funcionamento de longas distâncias; há, também, os mercados locais, cuja redes são tecidas em outros modos de interação. Práticas de desenvolvimento local são uma das variações, que leva a novas perspectivas, como a Teoria Econômica dos Sítios, que visa reunir cultura, economia e ecologia. É nesta escala que se encontra a riqueza dos conhecimentos empíricos das organizações, principalmente pelo protagonismo de forças não quantificáveis, como os fatores humanos.

No início, os grandes economistas se dedicaram aos princípios de uma ciência rigorosa, mas se notou que este saber sofre uma erosão, causada pela dinâmica das sociedades contemporâneas, que evidencia contrastes entre as economias “não oficiais” (Zaoual, 2006). Outro ponto levantado pelo autor sugere a importância do campo multidisciplinar na construção de novas perspectivas.

Se, no início, durante os anos de 1960 e 70, a economia dita informal agia como um corretivo para as anomalias dos modelos de desenvolvimentos nos países do Sul, hoje em dia, a crise que afeta as populações dessas regiões e, também, as consequências dos programas de ajuste, só ampliam a proliferação das micro atividades da economia popular (Zaoual, 2006, p. 207).

A Teoria dos Sítios se envolve na problemática já conhecida a respeito do desenvolvimento sustentável. A lógica hegemônica do lucro é incompatível com a preservação da biodiversidade e com a continuidade de vínculos sociais, logo adotar a escala do sítio permite humanizar a racionalidade, ou seja, observar a substancialidade de uma rede econômica local. Nesse ponto, é perceptível a aproximação entre a ideia de sítio e o conceito de lugar, assim Zaoual (2006) conclui que há a necessidade de um novo paradigma para a relação entre a sociedade e o seu entorno.

No que diz respeito à atividade turística, como se pode realizar a transição do turismo de massa para o turismo situado? Zaoual (2008) pressupõe que os atores de uma determinada situação devem ter um senso comum compartilhado, tendo claras as motivações e as necessidades de cada segmento turístico. As simbologias existentes em um lugar se manifestam

nos comportamentos coletivos e investigar a transição de valores imateriais para valores econômicos possibilita compreender novas formas de turismo.

Para compreender a transição, Zaoual (2008) separa duas questões: as causas do declínio do turismo de massa; e as variáveis que indicam demandas por novos modelos e produtos turísticos. Ao argumentar sobre tais questões, o autor tem busca debater sobre o turismo situado, por meio de constatações empíricas, associando natureza, cultura, diversidade e economia local.

O que indica o declínio do turismo de massa? Para o autor, esse modelo não consegue mais corresponder às necessidades expressas por um dado mercado, pois há uma demanda exigente, variável e variada, que gera contradição com a produção em massa e o sufocamento progressivo dos destinos. Esse sufocamento leva à destruição da qualidade dos sítios turísticos e a consequente perda de sua atratividade — em ambos os casos, há o fenômeno de repulsão. Tal efeito uniformizador alcança as altas classes sociais.

Zaoual (2008) sustenta que a demanda abandona os sítios e que pontos negativos passam a tomar espaço na percepção dos usuários do turismo de massa, o que segue a teoria do ciclo de vida de um produto<sup>6</sup>, que viveu sua fase de iniciação nas décadas de 1960 e de 1970 e que, desde então, obriga-se a buscar constantes inovações. Com a degradação dos sítios, tem-se o limite da capacidade de carga, o esgotamento de sua atratividade e a queda da própria rentabilidade.

No que tange às variáveis de uma nova demanda turística, o autor sustenta que há convergência de interesses entre visitantes e visitados, pois ao mesmo tempo em que os turistas buscam experiências com mais responsabilidade e intercâmbios culturais, os atores locais veem o total esgotamento de seus sítios. Assim, segundo o autor, as viagens perdem seus objetivos profundos, ao afirmar que “[...] a nova demanda turística é uma demanda existencial” (Zaoual, 2008, p. 69).

Desse modo, uma transição passa necessariamente pelas construções de uma nova capacidade de associação, de um novo olhar a respeito do próprio território, que não se afaste de suas raízes socioculturais, do primor por vivências não reducionistas, provocadas pelo encantamento do mundo moderno, e de um sítio simbólico, que pode ser compreendido como patrimônio cultural: “É esta mudança no imaginário dos atores que está o centro das novas dinâmicas turísticas” (Zaoual, 2008, p. 71).

Referente à ideia de lugar, Dias (2019), ao estudar diversos autores que abordam tal conceito, mostra que um lugar é criado por seres humanos para fins humanos, começando como

---

<sup>6</sup> Teoria proposta por Theodore Levitt, que indica, como fases da vida um produto: desenvolvimento; introdução; crescimento; maturidade; e declínio.

uma ideia, que se transforma em uma realidade tangível, como edifícios, parques ou ruas. Para que um espaço se torne um lugar, ele precisa ser vivido, o que envolve experiências consciente e emocional do espaço, que vão além da mera existência física. As pessoas podem ter laços emocionais com determinados lugares, que podem ser difíceis de explicar; esses laços são influenciados por experiências passadas e por sentimentos que emergem, em relação ao espaço.

Um lugar se torna significativo pelas experiências e pelas emoções que evoca; o lugar pode disparar afetos que já estão presentes em nós e pode se conectar a memórias e a sentimentos anteriores. Esses elementos mostram que o lugar é uma construção complexa, que tanto envolve a materialidade do espaço quanto as experiências e as emoções humanas a ele associadas (Dias, 2019). Em sua tese, a autora investigou as relações entre lugares e afetos, destacando como as experiências pessoais e as memórias influenciam as formas como percebemos e como nos conectamos a determinados espaços, afirmando que o lugar é constituído e vivido, por meio da realidade geopsíquica<sup>7</sup>.

---

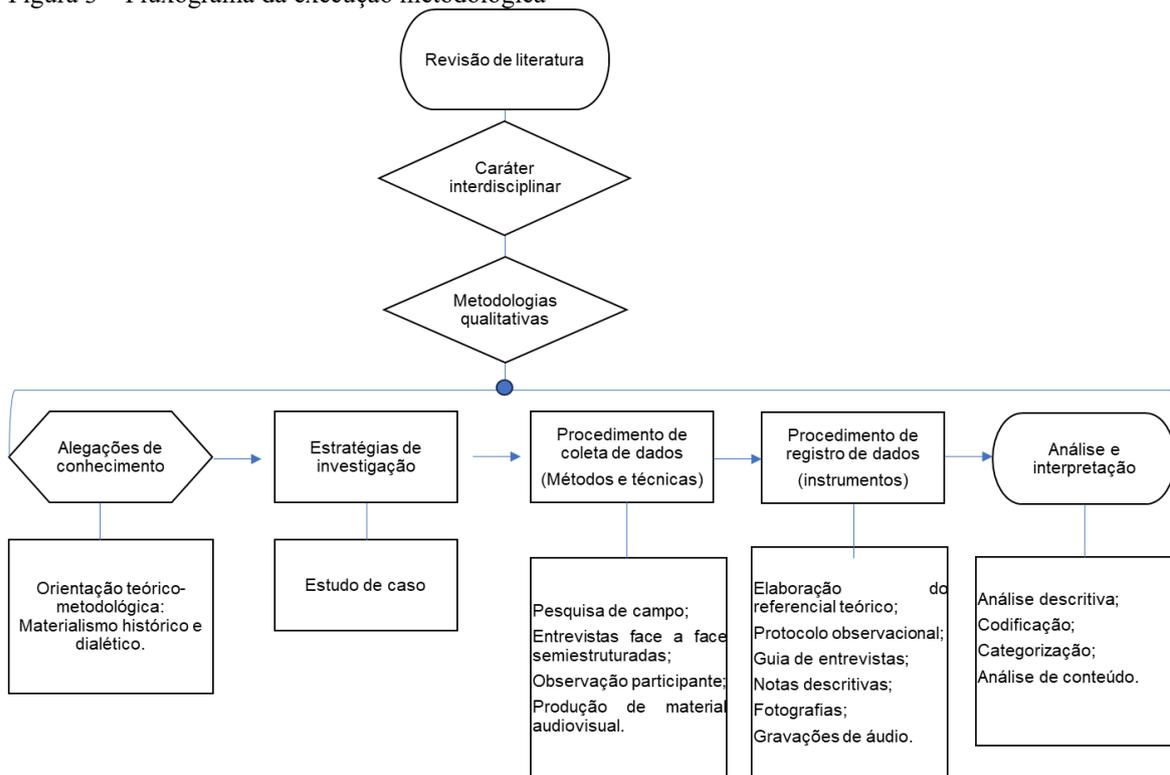
<sup>7</sup> A tese de Dias (2019) é fundamentada em teorias da Psicanálise e da Geografia, utilizando as contribuições de geógrafos humanistas e de psicanalistas para entender a complexidade do lugar, como Yi-Fu Tuan, David Sibley, Eric Dardel, Sigmund Freud e Jacques Lacan.

### 3 METODOLOGIA

Essa seção tem, por objetivo, apresentar a metodologia utilizada na pesquisa. Tendo em vista que o objetivo é o de conhecer a atual conjuntura do turismo no município de Cedral-MA, as ações do setor público de turismo e o engajamento das representações socioculturais, utilizou-se uma abordagem metodológica capaz de abranger as complexidades da sociedade amazônica, em seus aspectos formadores e transformadores.

A pesquisa bibliográfica e o reconhecimento de campo (realizado entre três e oito de janeiro de 2023) aconteceram na primeira fase, para dar suporte informacional à elaboração do projeto. Na segunda fase, ocorreu a execução metodológica da pesquisa, delimitada entre a revisão de literatura, para o aporte teórico, e a análise e interpretação dos dados (Figura 3).

Figura 3 – Fluxograma da execução metodológica



Fonte: elaborado pela autora

A pesquisa foi fundamentada na abordagem do materialismo histórico e dialético, pois a problemática e a questão de pesquisa foram orientadas pela perspectiva crítica. A pesquisa teve, como base, o processo construtivo proposto por Creswell (2007), composto por uma perspectiva teórica (alegações do conhecimento), por uma metodologia (estratégia de investigação) e por métodos (técnicas e procedimentos). Após as alegações do conhecimento, as subseções seguintes detalham a estratégia de investigação (estudo de caso), a seleção dos

participantes da pesquisa e o procedimento da coleta de dados (pesquisa de campo e observação participativa, realizadas entre os dias seis e dez de setembro de 2023). Os instrumentos utilizados para os registros de dados foram guias de entrevistas, protocolos observacionais, notas descritivas, fotografias e gravações em áudio. A análise e a interpretação (categorização, codificação e análise de conteúdo) foram elaboradas, a partir de Bardin (2011), com o auxílio dos seguintes *softwares*: Reshape, para a transcrição de áudios, e MAXQDA, para os demais procedimentos.

### 3.1 ALEGAÇÕES DO CONHECIMENTO

Como compreender a formação substancial dos objetos a serem pesquisados, considerando a construção socioambiental de um lugar? Tal pergunta norteou uma discussão sobre o conhecimento das unidades de análise a serem estudadas: o turismo, como aspecto do desenvolvimento no contexto amazônico; e o papel do município no fomento a práticas sustentáveis e ao engajamento comunitário. As duas unidades de análise permitiram compreender os cenários do turismo local no atual contexto histórico de maneira mais aprofundada, considerando as mudanças pós-pandemia, em relação ao turismo, bem como as novas perspectivas de desenvolvimento sustentável para a Amazônia, uma vez que a atenção internacional se volta para a região, em virtude de seu protagonismo na agenda ambiental.

Por estas razões, a pesquisa adota o materialismo histórico e dialético como concepção teórico-metodológica, uma vez que os temas abordados lidam com as contradições, com as polaridades e com as coexistências das diferentes realidades do viver amazônico. A primeira unidade de análise foi definida com base em Monteiro, Pinto e Simonian (2015).

A alegação do conhecimento pode ser entendida como um paradigma, no sentido de estabelecer um fundamento filosófico ou ponto de partida para a leitura de um determinado contexto (Creswell, 2007). O autor propõe quatro tipos de alegações do conhecimento, no entanto, devido ao caráter interdisciplinar desta pesquisa, a suas unidades de estudo e a sua fundamentação teórica, a perspectiva crítica que alimenta a problemática desenvolvida se manteve no corpo do trabalho, até as fases de análise e de interpretação.

As histórias do crescimento econômico e das articulações políticas e sociais, em busca do desenvolvimento, ao longo das décadas, até a compreensão sobre sustentabilidade podem, a partir perspectiva crítica, ser discutidas, sem que nos ausentemos de observar as necessidades locais, uma vez que não faltam debates sobre os impactos provocados pelo turismo no modelo

“indústria”, ao mesmo tempo em que este é constantemente utilizado em discursos políticos sobre desenvolvimento local.

Tomado por objeto de vários campos científicos, o turismo carrega várias abordagens em sua conceituação. Para uns, é uma Ciência em construção; para outros, esse fenômeno não se constitui como um campo científico, como apresentam Monteiro, Pinto e Simonian (2015). Segundo os autores, a abordagem interdisciplinar permite superar a unicidade do viés econômico que recai sobre o turismo, abrangendo também questões socioambientais, históricas e culturais. Portanto, seria necessária uma reconstrução metodológica, que vise compreender o saber fazer do turismo, enquanto disciplina, possibilitando sua análise completa.

A proposta de Monteiro, Pinto e Simonian (2015) não será aprofundada neste momento, pois se busca aqui orientar para a importância da abordagem interdisciplinar, a qual os autores defendem. Isso pode ser observado, por exemplo, durante a pesquisa de reconhecimento de campo, em que possíveis interlocutores e cenários se mostraram. Tais diversidades socioambiental e cultural exigem, do pesquisador, olhares múltiplos para os cenários que se apresentam em campo.

No que concerne ao lugar Amazônia/Amazônia Maranhense/Cedral, reitera-se primordialmente sua abordagem como categoria de análise geográfica de lugar. Monteiro, Pinto e Simonian (2015), baseados em experiências de pesquisadores amazônidas, apontam que questões sociais e ambientais são desafiadoras, devido à abrangência de suas problemáticas. Isso leva a novas formas de investigação, que permitem avanços nos estudos do turismo amazônico, através de premissas teórico-metodológicas e de reflexão crítica.

### 3.2 ESTRATÉGIAS DE INVESTIGAÇÃO

A estratégia de investigação de uma pesquisa indica a aplicabilidade de muito do que foi discutido na alegação do conhecimento e orienta os procedimentos a serem adotados (Creswell, 2007). Nesse viés, frisa-se que esta pesquisa consiste em um estudo de caso, em que “[...] o pesquisador explora em profundidade um programa, um fato, uma atividade ou uma ou mais pessoas” (Creswell, 2007).

Yin (1994) atenta ao fato de que um estudo de caso pode ir além de uma ferramenta de estudo, de uma observação participante ou, mesmo, de um método qualitativo, por sua utilização em vários campos das Ciências Sociais e por sua capacidade de aprofundamento nos conhecimentos de um fenômeno e de suas complexidades. Tal estratégia

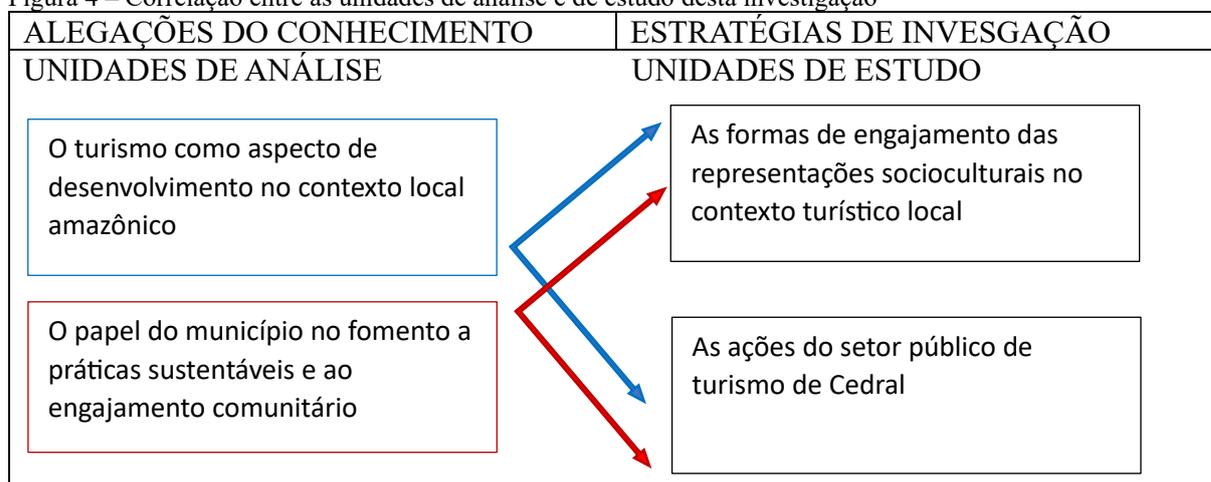
busca essencialmente lançar luz sobre decisões, através da compreensão de um processo em porque, como e com que. A partir do processo proposto por Yin (1994), foram elaborados os protocolos observacionais utilizados na coleta de dados da presente investigação.

Nessa pesquisa, foram estudados o cenário de turismo incipiente, a presença do setor público e o engajamento comunitário no processo de desenvolvimento turístico de um pequeno município do contexto amazônico. Isso também pressupõe o uso de análises descritivas das condições socioambientais, uma vez que o fenômeno turístico não deve ser dissociado de outros fenômenos, relacionados aos direitos fundamentais. O modo de construção destas análises é descrito nas próximas seções deste trabalho.

Pretende-se incorporar a esta pesquisa o caráter contributivo, uma vez que, finalizadas as análises e as interpretações, gestores, representações socioculturais e comunidade local poderão adotar as perspectivas apresentadas para planejamentos ou para pesquisas locais, a partir da reflexão a respeito do próprio lugar.

Na relação com as unidades de análise apresentadas, as unidades de estudo são: as formas de engajamento das representações socioculturais no contexto turístico local; e as ações do setor público de turismo de Cedral (Figura 4).

Figura 4 – Correlação entre as unidades de análise e de estudo desta investigação



Fonte: elaborado pela autora, com base em Creswell (2007)

Para o início do estudo de caso sobre o turismo em Cedral, foi realizada uma pesquisa bibliográfica preliminar em artigos, em dissertações, em livros e em notícias jornalísticas, tendo o turismo no estado do Maranhão, o Polo Floresta dos Guarás, a APA das Reentrâncias Maranhenses e o município de Cedral como assuntos. Viu-se a necessidade de um reconhecimento de campo, o que possibilitou contatos e observações de cenários típicos do

local e que fez do reconhecimento de campo uma experiência enriquecedora do ponto de vista da participação dos sujeitos.

A partir da pesquisa bibliográfica preliminar e da delimitação das unidades de estudo, percebeu-se a falta e a precisão de maiores informações a respeito do ordenamento do turismo em Cedral, uma vez que a maior parte das pesquisas se volta para o polo turístico ou para os municípios de maior atratividade (como Apicum-Açu, Cururupu e Mirinzal).

### 3.3 PARTICIPANTES DA PESQUISA

A contatação do primeiro interlocutor, o senhor Josenilson de Souza Melo — secretário de Cultura e Turismo —, deu-se por amostragem intencional por conveniência, em que se “[...] representam locais ou indivíduos a quem o pesquisador pode ter acesso facilmente” (Creswell, 2014, p. 130). Deve-se considerar, como limitação do método, as poucas possibilidades de generalização, sendo necessário sopesar as singularidades de cada interlocutor. No primeiro contato com o senhor Josenilson, foram apresentados os objetivos da pesquisa e, na ocasião do reconhecimento de campo, ocorrido entre os dias três e oito de janeiro de 2023, solicitou-se a indicação de novos interlocutores, a partir dos seguintes critérios: a) engajamento comunitário; b) atuação no receptivo turístico local; e c) posse de informações que contribuam para a caracterização do local da pesquisa. Esses interlocutores foram categorizados em representações socioculturais.

Durante a pesquisa de campo, entre seis e dez de setembro de 2023, foram aplicadas entrevistas semiestruturadas, com amostragem por conveniência, a partir do seguinte critério: ser excursionista ou turista na ocasião da pesquisa de campo.

Considera-se turista: “Pessoa que se desloca para fora de seu local de residência permanente por mais de 24 horas, pernoita, por motivo outro que o de não fixar residência ou exercer atividade remunerada, realizando gastos de qualquer espécie com renda recebida fora da região visitada” (Brasil, 1992).

Também conhecido como "turista itinerante", o excursionista é uma pessoa que se desloca, individualmente ou em grupo, para local diferente de sua residência permanente, por período inferior a 24 horas, sem efetuar pernoite (Brasil, 1992).

Esses foram categorizados como turistas entrevistados e codificados como Participante 1 (P1), Participante 2 (P2), Participante 3 (P3), Participante 4 (P4) e Participante 5 (P5).

Sabe-se que o campo mostra nuances da vida cotidiana ao pesquisador, o que torna a pesquisa mais enriquecedora. Por este aspecto, destacam-se a contribuição do senhor Leonandes, que disponibilizou um livro de grande utilidade nesta pesquisa (tratado com maior detalhe no decorrer do texto), e a história de vida do senhor Maneles, importante morador local que teve sua história contada por sua filha Laura Braga, ambos contatados por meio do senhor Josenilson.

### 3.4 PROCEDIMENTOS DA COLETA DE DADOS

Alguns autores se referem ao registro de dados como instrumento de coleta ou recolhimento de provas, como Yin (1994). Em estudos de caso, as provas podem vir de documentos, de arquivos, de observações diretas ou participativas e de artefatos físicos — os termos utilizados se baseiam em Creswell (2007) e em Yin (1994). Nessa pesquisa, serão utilizados protocolos observacionais para observação participativa, guias de entrevistas, com perguntas abertas e fechadas, notas descritivas, para o recolhimento de documentos, gravações de áudio/vídeo e fotografias. O Quadro 2 apresenta uma síntese dos procedimentos de coleta, de registro, de análise e de interpretação de dados.

Segundo Creswell (2007), o protocolo observacional é um procedimento de registro de dados que pode conter notas descritivas e reflexivas; ele auxilia os pesquisadores para o bom aproveitamento das experiências de campo. Para Gil (2010), embora não haja um *layout* definitivo do que deve compor um protocolo, alguns dados são fundamentais.

Tendo em vista os objetivos gerais e específicos desta investigação, foi realizada uma pesquisa de campo entre os dias seis e dez de setembro de 2023. Na ocasião, foram feitas entrevistas face a face e observações participantes e foram produzidos materiais audiovisuais. A observação participante foi solicitada, junto à Secretaria de Turismo e Cultura de Cedral (APÊNDICE F), ocorrendo na ocasião da Regata de Outeiro 2023, com o objetivo de observar a dinâmica do município, durante o período do evento, que é de grande relevância para a comunidade local, sendo uma tradição do feriado de Sete de Setembro.

Quadro 2 – Procedimentos de coleta, de registro, de análise e de interpretação de dados

<b>Hipótese:</b> o turismo situado é uma possibilidade viável para a diversificação da economia local no contexto socioambiental amazônico			
<b>Objetivo geral:</b> conhecer a atual conjuntura do turismo, as ações do setor público de turismo e o engajamento das representações socioculturais no município de Cedral-MA			
<b>Objetivos específicos</b>	<b>Coleta de dados</b>	<b>Registro de dados</b>	<b>Análise e interpretação</b>
Identificar as ações do setor público de turismo em Cedral, no contexto do Polo Turístico Floresta dos Guarás	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entrevistas semiestruturadas face a face com representante da gestão municipal e com representantes dos circuitos socioculturais e do <i>trade</i> turístico da cidade</li> <li>• Critérios: a) participação no planejamento e na execução de eventos turísticos; b) representação em algum segmento sociocultural; c) atuação em algum setor do <i>trade</i> turístico local (transporte, receptivo, hotelaria)</li> <li>• Observação participante nos dias seis e sete de setembro, durante a Regata de Outeiro 2023</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Guia de entrevistas</li> <li>• Notas descritivas</li> <li>• Protocolos observacionais</li> <li>• Registros audiovisuais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Análise descritiva</li> <li>• Codificação</li> <li>• Categorização</li> </ul>
Identificar o engajamento das representações socioculturais na atividade turística local	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Entrevistas semiestruturadas face a face com representante da gestão municipal e com representantes dos circuitos socioculturais e do <i>trade</i> turístico da cidade</li> <li>• Critérios: a) participação no planejamento e na execução de eventos turísticos; b) representação em algum segmento sociocultural; c)</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Guia de entrevistas</li> <li>• Notas descritivas</li> <li>• Registros áudio visuais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Análise descritiva</li> <li>• Codificação</li> <li>• Categorização</li> </ul>

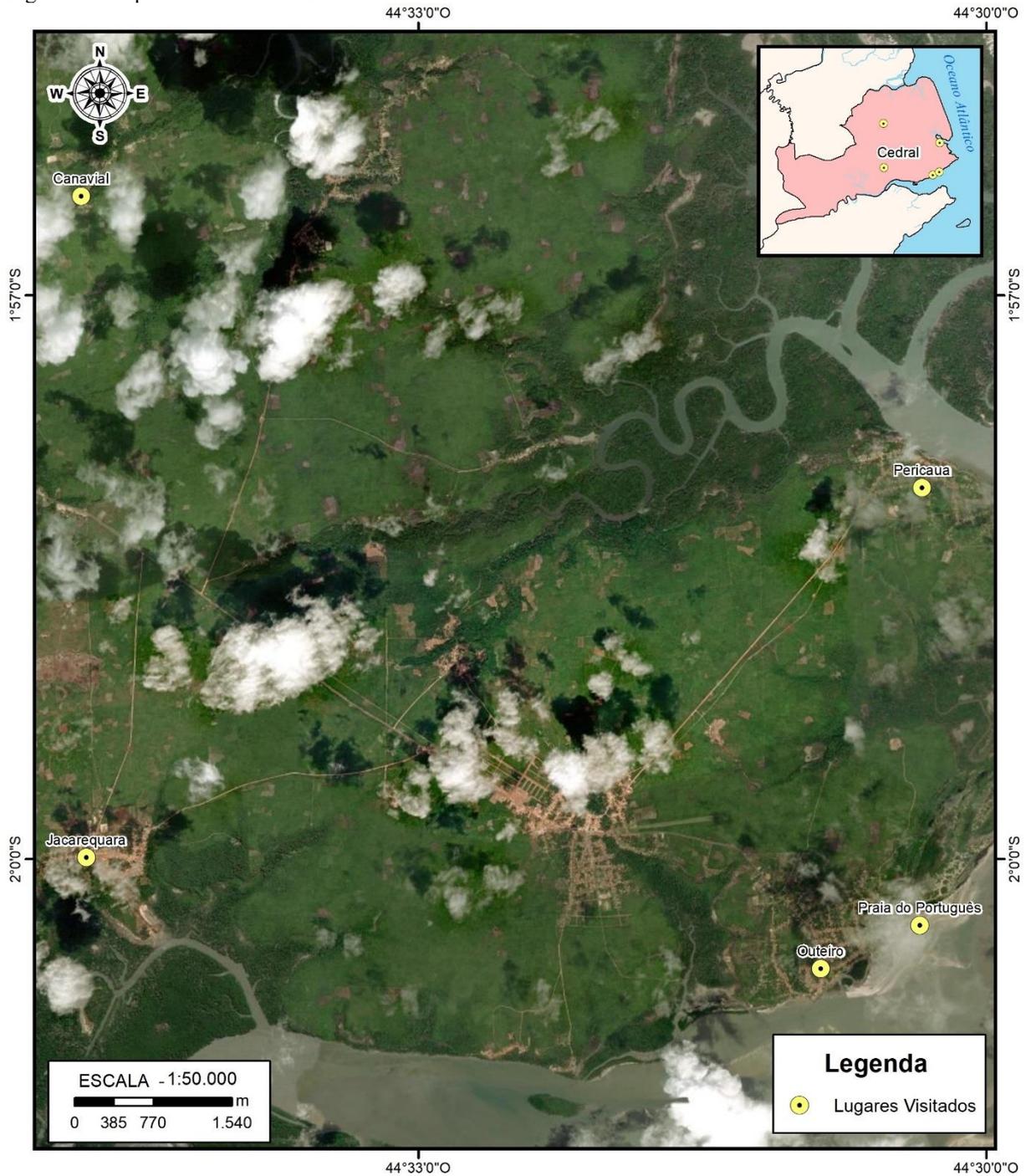
	atuação em algum setor do <i>trade</i> turístico local (transporte, receptivo, hotelaria)		
Observar as potencialidades e as dificuldades na adoção de práticas sustentáveis nos segmentos turísticos locais	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Observação participante nos dias seis e sete de setembro, durante a Regata de Outeiro 2023</li> <li>• Entrevistas semiestruturadas</li> <li>• Critério: ser, na ocasião da pesquisa de campo, excursionista, turista ou viajante</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Protocolos observacionais</li> <li>• Guia de entrevistas</li> <li>• Registros audiovisuais</li> </ul>	<ul style="list-style-type: none"> <li>• Análise descritiva</li> <li>• Codificação</li> <li>• Categorização</li> </ul>

Fonte: elaborado pela autora

A pesquisa de reconhecimento de campo ocorreu entre os dias três e oito de janeiro de 2023, considerando o período de deslocamento. Utilizando transporte rodoviário, oferecido pela empresa Rota do Mar, realizou-se um trajeto de 624 km, durante cerca de dez horas, entre o Terminal Rodoviário de Belém e o município de Apicum-Açu, no Maranhão, seguido de novo deslocamento, em transporte particular, pela MA-304, até o centro do município de Cedral. Esse último trecho, de 35km, foi realizado em cerca de trinta minutos. A Figura 5 mostra os locais visitados no reconhecimento de campo.

Já a pesquisa de campo ocorreu entre os dias seis e oito de setembro de 2023, período da 38ª Regata de Outeiro. A observação participativa ocorreu no dia seis de setembro, pelas partes da tarde e da noite, e no dia sete, pela manhã, durante a competição. Como instrumentos de coleta, utilizou-se os protocolos observacional e de entrevista, conforme propõe Creswell (2007). Como mencionado, a pesquisa de campo produziu registros audiovisuais, durante o evento em questão.

Figura 5 – Mapa dos locais visitados



 <p><b>LAENA</b> Laboratório de Análises Espaciais Prof. Dr. Thomas Peter Hurtienne</p>	 <p>UFPA</p>	<p><b>INFORMAÇÕES TÉCNICAS</b></p> <p>Fonte: IBGE, 2023 Sistema de Coordenadas Geográficas Datum Horizontal: SIRGAS-2000</p>	<p><b>ELABORAÇÃO</b></p> <p>Projeto do mapa: Marcell Alencar, 2024. Produção do mapa: Wellington Fernandes e Beatriz Melato</p>
--	---	--	---

Fonte: Laboratório de Análises Espaciais Prof. Dr. Thomas Hurtienne (LAENA/NAEA/UFPA), 2024.  
 Fonte: LAENA/NAEA/UFPA (2024)

## 4 CONHECENDO O CAMPO DE PESQUISA

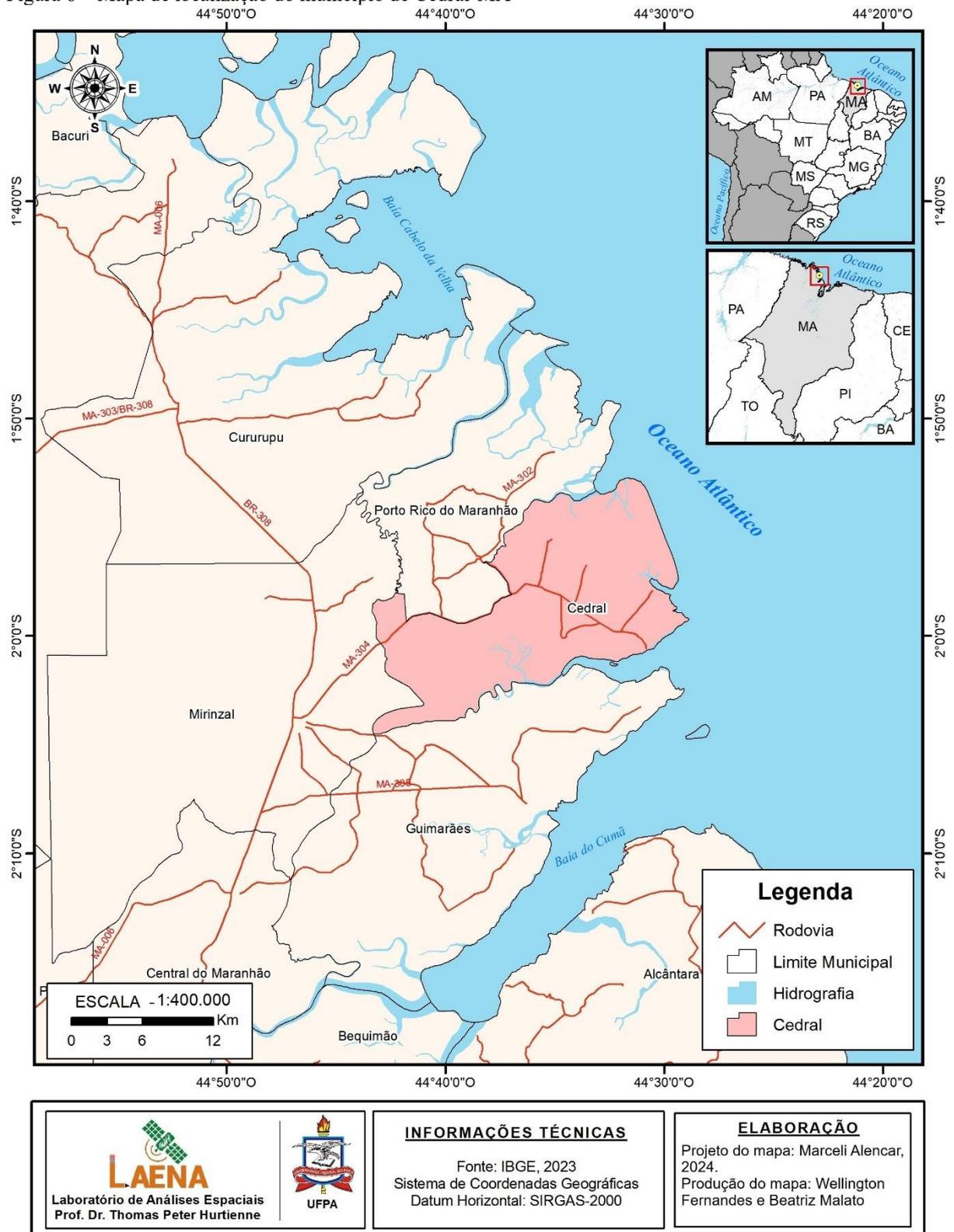
Um dos grandes desafios de compreensão do espaço amazônico se dá por suas regionalizações e divisões territoriais. Pode-se tentar compreendê-lo, por exemplo, pelo domínio do Bioma Amazônico, por seus limites legais, por suas diversidades física e socioambiental ou por sua composição territorial — essa, resultante de processos de ocupação, de migração e de projetos de desenvolvimento e urbanização —, mas, nesse trabalho, tomou-se, como recorte espacial, a Amazônia maranhense, especialmente sua zona costeira, chamada Reentrâncias Maranhenses. Para a contextualização da formação socioambiental, abordaremos inicialmente a formação do estado do Maranhão, bem como a formação político-administrativa do município de Cedral.

### 4.1 ASPECTOS FÍSICOS

No cinturão de máxima diversidade biológica do planeta - que tornou possível o advento do homem - a Amazônia se destaca pela extraordinária continuidade de suas florestas, pela ordem de grandeza de sua principal rede hidrográfica e pelas sutis variações de seus ecossistemas, em nível regional de altitude (Ab'Saber, 2003, p. 63).

O município de Cedral está localizado na costa norte do estado do Maranhão, limitando-se pelos municípios de Porto Rico do Maranhão, a norte, de Mirinzal, a oeste, de Guimarães, a sul, e pelo Oceano Atlântico, a leste, área que compõe a planície costeira das Reentrâncias Maranhenses no Bioma Amazônico (Figura 6) (Araújo *et al.*, 2014; Maranhão, 2012). Cedral faz parte da microrregião do Litoral Ocidental Maranhense, caracterizada pela presença de ilhas habitadas, nas quais residem comunidades de pescadores, e desabitadas, em razão da cobertura de manguezais. Esse litoral é desenhado por micropenínsulas, ou rias maranhenses, formadas por estuários, baías e furos, como a Baía de Cumã, localizada entre os municípios de Cedral e de Guimarães (Catunda; Santos; Dias, 2019).

Figura 6 – Mapa de localização do município de Cedral-MA



Fonte: Laboratório de Análises Espaciais Prof. Dr. Thomas Hurtienne (LAENA/NAEA/UFPA), 2024.  
 Fonte: LAENA/NAEA/UFPA (2024)

Em termos gerais, os principais sistemas atmosféricos que compõem o clima amazônico na região costeira são os ventos alísios de nordeste, os anticiclones subtropicais do Atlântico

Sul e dos Açores e a Zona de Convergência Intertropical (ZCIT). Esses atuam nos transportes de calor e de umidade, fatores que compõem as massas de ar, atuantes nos regimes de chuva (IBGE, 2006; Nimer, 1989; UEMA, 2002 *apud* Imesc, 2012).

Na área costeira da Amazônia maranhense, atuam a Massa Equatorial Continental, formada pelo processo de evapotranspiração da Floresta Amazônica, portanto úmida, e a Massa Equatorial Atlântica, que, por ser formada próxima a Ilha dos Açores, percorre grande distância, perdendo umidade. Ambas mantêm estáveis as temperaturas e as variações pluviométricas e, como característico de climas equatoriais, produzem períodos de estiagem (IBGE, 2006; Nimer, 1989; UEMA, 2002 *apud* Imesc, 2012).

Parte da costa atlântica maranhense possui clima tropical equatorial semiúmido, com umidade relativa do ar superior a 82% e com quatro a cinco meses mais secos e de temperaturas maiores do que 18°C em todo o ano. Em Cedral, os meses de julho a dezembro são mais secos e os de janeiro a junho, mais chuvosos, com pluviometria anual entre 1600mm a 2400mm (IBGE, 2006; Nimer, 1989; UEMA, 2002 *apud* Imesc, 2012).

As geodiversidades do relevo e da paisagem da região amazônica se assentam em duas grandes bacias sedimentares fanerozoicas: a bacia amazônica; e a bacia do Parnaíba, em parte (Schobbenhaus, 1984 *apud* Ross, 2005). Considerando a classificação de relevo proposta por Ross (1988), as unidades morfoesculturais da Amazônia maranhense se dividem em planícies e tabuleiros litorâneos e, no interior continental, em planaltos e chapadas do rio Parnaíba — essas também resultam de bacias sedimentares, apresentando cuevas e escarpas.

Já as planícies litorâneas se formaram por depósitos sedimentares do período quaternário (há 2,6 Ma), e suas altas concentrações de matéria orgânica, de argila e de silte formaram os mangues, durante a época holocênica. As unidades de relevo se aglutinam ao Norte do estado do Maranhão, caracterizando-se por terrenos de baixa altitude, com estuários, ilhas, furos, baías e dunas (Ross, 1988).

Na planície das Reentrâncias Maranhenses, as macromarés e as sedimentações fluviomarinhas contribuem para o desenho das micropenínsulas, que chegam a adentrar 20 km no interior continental (Bandeira *et al.*, 2013; Ross, 1988). É importante destacar as fragilidades dos ecossistemas costeiros, uma vez que, estando em constante formação, desde os tempos recentes, percebe-se a influência antrópica na paisagem. Os processos de ocupação e uso do solo, bem como a formação socioeconômica deste recorte do estado do Maranhão, serão abordados mais adiante.

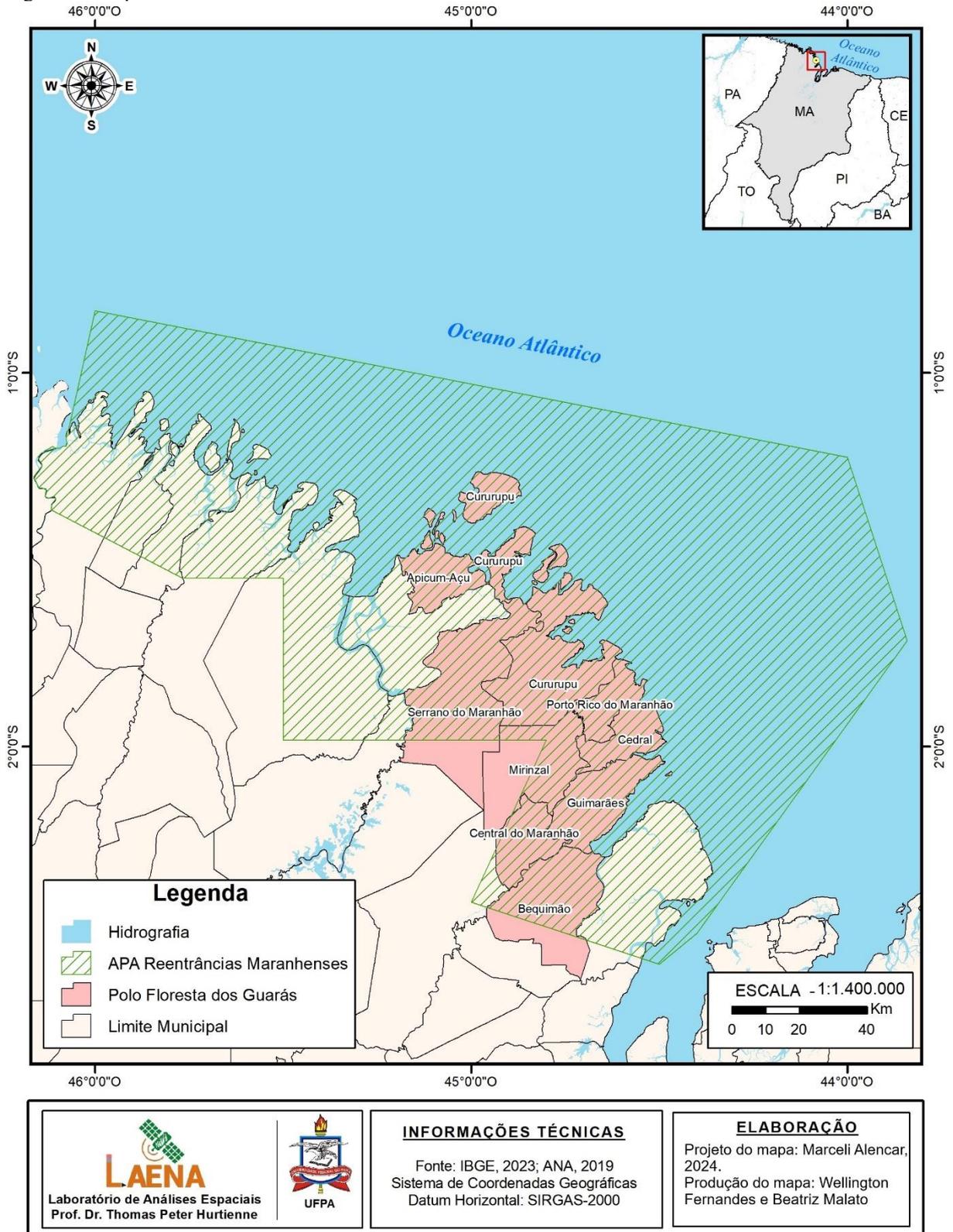
Cedral é um dos dezenove municípios pertencentes à Área de Proteção Ambiental (APA) Estadual das Reentrâncias Maranhenses<sup>8</sup> (Figura 7), limitada, a leste, pela Baía de São Marcos, no município de Alcântara, e a oeste, pela foz do rio Gurupi, em Carutapera. A cidade também está inserida na lista dos Sítios Ramsar<sup>9</sup>, portanto toma parte de uma zona úmida de importância global, por formar a extensa área contígua de manguezais, desde o Cabo Orange ao Golfão Maranhense, passando pela foz delto-estuarina do rio Amazonas.

---

<sup>8</sup> Regulamentada pela Lei n.º 9.985/2000 (SNUC), pela Lei n.º 9.413/2011 (SEUC) e pelo Decreto n.º 11.901/1991 (Maranhão, 2020).

<sup>9</sup> A Convenção sobre Zonas Úmidas de Importância Global, realizada em fevereiro de 1971, em Ramsar, no Irã, objetiva a conservação de áreas úmidas, especialmente os habitats de aves aquáticas e os demais ecossistemas. Dessa forma, os países signatários delimitam sítios de importância global em seus territórios, os quais compõem uma lista, que, hoje, conta com 2.493 sítios, a maior parte deles no continente africano. A convenção considera “[...] áreas de pântano, turfa ou água, natural ou artificial, permanente ou temporária, com água estagnada ou corrente, doce, salobra ou salgada, incluindo áreas de água marinha cuja profundidade na maré baixa não ultrapassa os seis metros” como zonas úmidas (UNESCO, 1971, p. 1). A APA Estadual das Reentrâncias Maranhenses, que inclui a RESEX de Cururupu, corresponde ao sítio 640, designado no ano de 1993 (Ramsar, 2023).

Figura 7 – Mapa da APA das Reentrâncias Maranhenses



Fonte: Laboratório de Análises Espaciais Prof. Dr. Thomas Hurtienne (LAENA/NAEA/UFPA), 2024.

Fonte: LAENA/NAEA/UFPA (2024)

É importante destacar que a região costeira do Maranhão inserida no Bioma Amazônico possui uma sobreposição de Unidades de Conservação, que inclui a APA Estadual da Baixada

Maranhense, o Parque Estadual do Bacanga e as Reservas Extrativistas de Cururupu e do Quilombo do Frechal (Maranhão, 2020). Nesse trabalho, o destaque para a APA das Reentrâncias Maranhenses decorre do fato desta abranger territorialmente o município de Cedral e parte do Polo Turístico Floresta dos Guarás.

#### 4.2 FORMAÇÃO SOCIAL POLÍTICO-ADMINISTRATIVA

Português carregando os crepúsculos pesados  
De uma podre velhice para estrumar a Europa  
Enforca-te no mar e nos próprios cabelos  
Mas não morras deitado na cama da Ibéria

(João Apolinário)

A história da Amazônia tem sido contada primordialmente por seus ciclos econômicos, associados ao domínio morfoclimático da floresta equatorial. Ela “aparece para o mundo”, através dos imaginários de conquistadores e dos registros de viajantes naturalistas. Segundo Pizarro (2012), a partir do século XVI, aqueles que viram o habitat amazônico descrevem, documentam e imprimem seus valores para os que não o conheciam. Tais narrativas constroem o imaginário contemporâneo sobre o lugar Amazônia, muito pelo olhar do colonizador.

A estrofe do poema de João Apolinário (1924-1988) remete ao empreendimento de exploração do além-mar. Na visão de Prado Júnior (1942, p. 21), a história de Portugal toma nova direção no século XV: voltando-se para além-mar, a Europa deixará de “[...] viver recolhida sobre si mesma, para enfrentar o Oceano”. Nas palavras do poeta citado, o sacrifício irracional de encarar os mares e o orgulho de “[...] não morrer na cama da Ibéria” era o preço para tornar novamente fecundas as terras europeias.

A empresa colonial chega à costa africana e abre novas rotas, que serão seguidas por espanhóis, ingleses, franceses e holandeses. Segundo Prado Júnior (1942, p. 24), “[...] a ideia de colonização compreendia a presença de feitorias comerciais, mas em relação à América, observava-se que, para o mercantilismo, não bastavam o negócio, a administração e a defesa armada”, seria necessária uma ampliação do sistema, que envolveria o processo de povoamento, a fim que se criassem produtos e crescimento comercial, conseqüentemente.

Na visão de Trovão (2006), a ocupação do Maranhão se dá por duas frentes: uma, pelas áreas de planalto do Sertão, onde se desenvolve a agropecuária; e outra, pela planície. A

ocupação pelas áreas de planície se caracteriza pelas presenças de colonos, missionários e fortificações, com desenvolvimento das economias da cana-de-açúcar e do algodão. Sua formação sociopolítica inicial se dá pela consolidação de uma estrutura político-econômica oligárquica.

O percurso dos manguezais e das reentrâncias nas baías de São Marcos e de São José, que formam o Golfão Maranhense, alcança os limites da Amazônia Legal brasileira. Essa região exemplifica os processos conhecidos da formação socioambiental do país, balizada pela violência da empresa colonial, pela supressão da cultura indígena e pelas marcas do sistema escravagista: “O estado do Maranhão, que então compreendia Ceará, Maranhão, Pará e Piauí, foi onde se reuniram os fragmentos e todas as tribos dispersas – e foi este o lugar das suas últimas trincheiras” (Castro; Campos, 2015, p. 34). Hoje, o estado é o terceiro em número de localidades quilombolas (IBGE, 2019).

Segundo Lima (1981), foi durante o século XVIII que o Maranhão alcançou seu apogeu econômico, através dos ciclos do algodão e do açúcar. A presença da Companhia de Comércio do Grão-Pará e Maranhão, empresa mercantil criada durante o período pombalino, a fim de estimular práticas comerciais, inclusive a importação de escravos, atuou na configuração social que se estabelecia, juntamente da administração governamental, o que, segundo o autor, levou ao surgimento de uma elite, que influenciaria as questões políticas do estado.

Projetos desenvolvimentistas do período militar (com fortalecimentos da agropecuária e de metalurgia) consolidam o padrão de desenvolvimento regional no século XX, continuado pela reestruturação produtiva e pela industrialização (Barbosa *et al.*, 2015). O Porto de Itaqui, por exemplo, iniciado na década de 1960, tem posicionamento fundamental nas operações logísticas e de escoamento da produção nas escalas regional (que compreende Maranhão, Tocantins, Piauí e Bahia (MATOPIBA)) e global. O Quadro 3 apresenta as etapas de desenvolvimento socioeconômico do Maranhão, a partir da ocupação colonial.

Quadro 3 – Etapas de desenvolvimento do Maranhão, a partir da colonização

Socioeconomia do Maranhão, a partir da colonização	
PERÍODO	CARACTERÍSTICAS
Estrutura político-econômica oligárquica	Formação territorial por Capitânicas Hereditárias (1534)
	França Equinocial (1612-1615) Inicia-se com o intercâmbio comercial entre franceses e indígenas Presença de missionários capuchinhos Relação conflituosa com os índios Tupinambás
	União Ibérica (1621) e criação do estado do Maranhão, que incluía as capitânicas do Grão-Pará, do Maranhão e do Ceará
	República Velha (1889): caracteriza-se, nesse contexto, pelas presenças do coronelismo, das políticas de compadrio e do clientelismo
Período Militar	1980: Grandes projetos agropecuários e minero-metalúrgicos integrados ao projeto Grande Carajás
Consolidação do padrão de desenvolvimento regional, a partir do séc. XX	Reestruturação produtiva e industrialização Impactos ambientais

Fonte: adaptado de Barbosa *et al.* (2015) e de Schwarcz (2008)

No livro *Formação do Brasil Contemporâneo*, Caio Prado Júnior descreve o cenário entre as capitânicas do Grão-Pará e do Maranhão. Observa-se que o município de Guimarães se configurava como um ponto importante, pois se iniciou como Fazenda Guarapiranga, de propriedade do sr. João Teófilo de Barros, que desenvolve a produção de farinha e, mais tarde, o comércio do pescado.

Acompanhando a costa de Bragança para leste, atravessa-se uma região quase deserta[...]. E assim vai até a costa até o Rio Turiaçu, então limite administrativo das duas capitânicas do Grão-Pará e do Maranhão, e o pequeno povoado do mesmo nome, situado no fundo do estuário e habitado por uns pobres lavradores. [...]. Zona de fácil penetração e ocupação, os *perizes*, se povoam regularmente. O Rio Pericumã e a baía de Cumã, onde está Guimarães, o principal centro da região, navegáveis em qualquer estação do ano, servem para as comunicações locais e articulam os *perizes* com o exterior (Prado Júnior, 1942, p. 44).

A história de Cedral possui poucos registros oficiais. As informações encontradas tratam de sua formação político-administrativa, que remonta ao período em que Guimarães teve parte de seu território desmembrado, para a criação das vilas de Mirinzal e de Cedral. O único exemplar de *A história de Cedral*, de autoria do sr. Elpídio Gonçalves Passinho, não possui ficha catalográfica, nem ano de publicação e foi concedido pelo senhor Leonandes, morador de Cedral contactado na pesquisa de reconhecimento de campo.

Dada à importância do livro e a riqueza do conteúdo disponibilizado, destaca-se um dos primeiros trechos da obra, que trata com detalhes da chegada dos primeiros colonos à região que hoje constitui o município:

Corria o ano de 1.760. As margens do Rio Calhau, no município de Guimarães, à três quilômetros do litoral, banhado pelo Oceano Atlântico, às margens do Riacho Vura, afluente do Rio Calhau, numa região fértil e com regular quantidade de madeira denominada 'CEDRO', foi criado um lugarejo que, logo nos seus primeiros dias de vida, recebeu de seus criadores, o nome de CEDRAL. Seus criadores foram colonos emigrantes portugueses que, aqui chegando, encontraram raça indígena, com quem fizeram amizade, e, até mesmo contraíram matrimônio ou convivência marital com algumas figuras desta casta. O elemento negro estava também presente na criação de Cedral; pois, é óbvio que os colonos portugueses trouxeram em suas bagagens alguns exemplares dessa raça para trabalharem na agricultura. Os primeiros colonos cultivaram a mandioca, o milho, o feijão, o arroz, a mamona, o gergelim, de cujas vargens extraíam as sementes para comercializarem em São Luís, o mesmo fazendo com amêndoas de babaçu, cuja existência é abundante nessa região. Cultivavam, também, a pesca do peixe, do camarão graúdo e miúdo que pescavam com redes de modo afunilado que davam o nome de pouças, sendo que o peixe era pescado em currais, ou seja, pequenos cercados construídos de madeiras e cipó, também de modo afunilado tendo este na parte mais estreita um cercado arredondado onde os peixes ficavam e que tinha o nome de chiqueiro e a sua despesca ocorria a cada doze (12) horas, ou seja, nas vazantes da maré. Essa tarefa de inteira responsabilidade dos homens, enquanto as mulheres da casa e dos filhos, preparando-lhes o almoço e, lavando-lhes a roupa suja durante as tarefas diárias (Passinho, [19??]).

No decorrer do processo de povoamento e nas suas dinâmicas territoriais, Cedral inicia seu processo de emancipação em 1948, quando foi elevada à condição de vila, denominada Vila Muinaréu. Apenas em 1964 a vila foi desmembrada do município de Guimarães, através da aprovação de projeto de autoria do então deputado sr. João Henrique, por parte da Assembleia Legislativa do Maranhão. O decreto n.º 2.378, de 1964, modifica o nome para Cedral e cria oficialmente o município (IBGE, 2023).

Segundo Leite *et al.* (2022) e Passinho [19--?], por volta do ano 1760, alguns colonos portugueses chegaram a uma região do município de Guimarães, às proximidades do riacho Vura, rica em cedro. Passinho [19--?] aponta que esta seria a origem no nome Cedral. Com o passar dos anos, ocorreu o estreitamento das relações sociais entre famílias indígenas e portuguesas, dando lugar aos cultivos de mandioca, de milho, de feijão, de arroz, à extração de amêndoas de coco-babaçu e à comercialização de peixes e de camarão para São Luiz.

Em 1923, o senhor José Ribamar Ewerton chega à região de Cedral, atuante na formação político-administrativa da cidade (Leite *et al.*, 2022; Passinho [19--?]). Em 1948, o governo estadual convoca uma reunião com representantes políticos locais, que tinha a criação de distritos locais como objetivo. Houve o acordo de que Cedral ficaria como distrito do município de Guimarães, sendo elevada à condição de vila e passando a se chamar Vila Muinaréu.

Algumas movimentações ocorreram no âmbito político, ao longo dos anos, mas foi somente em 1964 que a lei de criação do município de Cedral foi aprovada. No ano seguinte, ocorrem eleições municipais, sendo eleito o sr. José Ribamar Ewerton como prefeito, com os senhores Jose Ribamar Leite, Eudes Farias Mesquita, Raimundo Nonato Coelho, Inácio de

Loiola Gomes, Benedito Eufrásio Carneiro, Martinho Ribeiro Serrão, Terellio Araújo, Felipe Viana e João Batista Carneiro ficando na composição da primeira câmara de vereadores (Leite *et al.*, 2022; Passinho [19--?]). As figuras 8, 9 e 10 mostram Cedral na década de 1980 e a Figura 11 mostra Cedral na atualidade.

Figura 8 – Fotografia da Praia de Outeiro na década de 1980



Fonte: IBGE (1983)

Figura 9 – Fotografia da Praia de Outeiro, nas proximidades da Praia do Português, na década de 1980



Fonte: IBGE (19--)

Figura 10 – Fotografia da Prefeitura Municipal e da Praça José João, em Cedral, na década de 1980



Fonte: IBGE (1983)

Figura 11 – Fotografia do prédio atual da Prefeitura Municipal de Cedral



Fonte: acervo da autora (2023)

No centro de Cedral, estão localizados os principais prédios públicos, como a sede da Secretaria de Turismo e Cultura, que também abriga a Secretaria de Pesca, a prefeitura municipal e a Praça de Eventos (onde ocorrem apresentações culturais, durante o ano). No âmbito do sistema de saúde, o município conta com o Hospital Municipal Nossa Senhora da Conceição e com o Programa Saúde da Família. No âmbito educacional, o município conta com quatorze escolas, sendo quatro de educação infantil, uma de ensino fundamental menor e uma de tempo integral (Figura 15). Entre as escolas, três oferecem Educação para Jovens e Adultos.

Segundo relato da secretaria Eliedene Rosa Cuba, durante pesquisa de reconhecimento de campo, um dos problemas enfrentados é a garantia de transporte escolar, uma vez que boa parte dos estudantes de Cedral é moradora de povoados próximos.

Figura 12 – Fotografia do prédio Jadeline Gonçalves



Fonte: IBGE (19--)

Figura 13 – Fotografia do atual prédio Jadeline Gonçalves (sede da Secretaria de Turismo e Cultura)



Fonte: acervo da autora (2023)

Figura 14 – Fotografia da Praça de Eventos de Cedral



Fonte: acervo da autora (2023)

Figura 15 – Fotografia da Escola Municipal de Tempo Integral Professora Uilma Rosa



Fonte: acervo da autora (2023)

O povoado Outeiro está localizado a cerca de dois quilômetros do centro de Cedral. Inicialmente chamado de Vila Campeche e, depois de “Zé Verto”, o povoado é importante para a comercialização do pescado. A fotografia a seguir mostra a sede da Colônia de Pescadores Z-07, localizada no povoado e que, na ocasião da pesquisa, encontrava-se em reforma. A colônia foi fundada em 1979, quando Cedral ainda pertencia a Guimarães, sendo instalada no povoado de Outeiro em 1992.

Figura 16 – Fotografia da sede da colônia de pescadores do povoado de Outeiro



Fonte: acervo da autora (2023)

Localizado a cerca de 4,5 km do centro de Cedral está o povoado de Jacarequara, muito importante no processo de fundação do município, pois, nos primeiros anos de povoamento, no século XIX, esse foi o primeiro local de desembarque de pescado. Nas fazendas de Jacarequara se produzia farinha, grãos e outros gêneros alimentícios. Nele, está o Porto de Jacarequara (Figura 17), reformado por iniciativa dos moradores locais. A coleta de lixo em Cedral é realizada três vezes na semana, por caçambas que despejam a coleta no lixão de Jacarequara (Figura 18), em um terreno que foi adquirido pela prefeitura.

Figura 17 – Fotografia de um pescador, pintando detalhes de um barco no Porto de Jacarequara



Fonte: Simonian (2023)

Figura 18 – Fotografia do lixão, localizado no povoado de Jacarequara



Fonte: Simonian (2023)

Figura 19 – Ruínas de uma igreja, localizada no povoado de Pericaú



Fonte: Simonian (2023)

Figura 20 – Ruínas da antiga sede de festas Pingo de Ouro no povoado de Pericaú



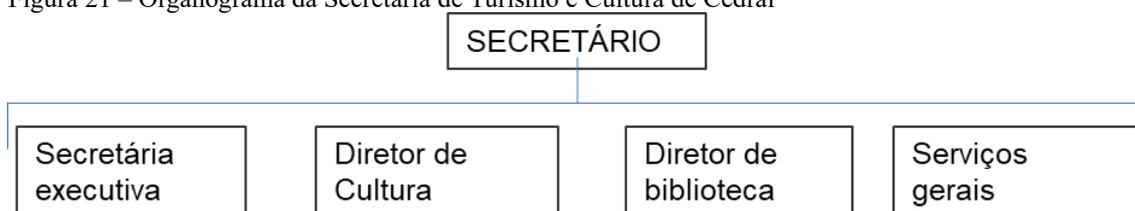
Fonte: Simonian (2023)

## 5 O SETOR PÚBLICO DE TURISMO DO MUNICÍPIO DE CEDRAL

As informações detalhadas a seguir seguem respectivamente os seguintes temas: o atual ordenamento da Secretaria de Turismo e Cultura; a relação com a instância de governança regional; a relação com as comunidades e parcerias institucionais; e os atrativos com potencialidade turística. Esses temas foram categorizados, a partir de uma entrevista realizada com o secretário de turismo, o senhor Josenilson de Souza Melo.

A secretaria conta com a atuação de cinco funcionários, quatro dos quais atuam no setor de cultura. A pasta de turismo foi criada recentemente, em 2018. Embora haja esta divisão, todos participam das atividades realizadas por ambos os setores (Figura 21). À cultura se voltam majoritariamente os trabalhos de execução de eventos, tais como o Carnaval e o Festival Junino, com destaque para a Regata de Outeiro, principal evento da cidade, que reúne visitantes dos municípios vizinhos no mês de setembro. Ao turismo coube, desde a criação da pasta, a organização institucional e a promoção de roteiros potenciais.

Figura 21 – Organograma da Secretaria de Turismo e Cultura de Cedral



Fonte: elaborado pela autora (2023)

Até a ocasião da pesquisa, a instância de governança do Polo Turístico Floresta dos Guarás havia se reunido poucas vezes. No entanto, ao longo de 2023 e de 2024, o polo buscou se engajar em eventos de turismo, para as divulgações de roteiros e de atrativos. No entendimento do secretário, Cedral tem os turismos de aventura, de contemplação e de experiência como principais segmentos, e são exemplos de roteiros já em curso: Rota dos Guarás; Rota do Quilombo (Figura 23); e Rota do Mangue Seco. Há esforços, por parte da secretaria e da comunidade do Canavial, em desenvolver um turismo de base comunitária (experiência que será abordada adiante).

Destaca-se aqui o mais recente roteiro, em fase de implementação: Caminho dos Guarás (Figura 22), que inclui atrativos turísticos dos polos Floresta dos Guarás e São Luiz, abrangendo nove municípios dos dois polos. Ele tem sido divulgado em eventos, como a ABAV Expo 24, além de oficinas, junto à comunidade local, para diagnosticar suas demandas e expectativas. Os

atrativos que podem ser visitados em Cedral são: o estaleiro do Seu Maneles; a Praia do Português; a Praia de Saçotitá/Navio Fantasma Baraka; e a Revoada de Guarás.

Figura 22 – Material de divulgação do roteiro Caminho dos Guarás



Fonte: Secretaria de Turismo e Cultura de Cedral (2024)

Figura 23 – Turistas na Rota do Quilombo



Fonte: Branco Melo (2021)

Figura 24 – Praia de Saçoitá e Navio Fantasma Baraka<sup>10</sup>

Fonte: Branco Melo (2021)

Para a formatação de roteiros, a secretaria contou com o apoio do Serviço Brasileiro de Apoio às Micros e Pequenas Empresas (SEBRAE), que realizou uma consultoria em Roteirização Turística para a prefeitura no ano de 2021, “[...] com o propósito de estruturar e promover uma oferta turística no Polo Floresta dos Guarás, com foco em Turismo de Experiência”. Durante a pesquisa de reconhecimento de campo, foi possível realizar a Rota do Quilombo.

Em relação à frequência de turistas no município, o secretário relatou a presença de “pessoas de fora”, mas, devido à carência de infraestrutura turística, ainda há muito a ser feito. O município ainda não conta com um inventário turístico e com pesquisas de demandas, no entanto, em sua curta existência, já estabeleceu o Conselho Municipal de Turismo, inseriu-se no Mapa do Turismo e aderiu ao Plano de Regionalização.

O Mapa do Turismo é uma ferramenta que visa identificar e classificar os destinos turísticos no Brasil, com base em suas infraestrutura, atratividade e potencial de desenvolvimento. Ele tem, como objetivo, organizar as regiões turísticas e promover a gestão mais eficiente das políticas públicas voltadas ao setor. O Mapa do Turismo é atualizado

---

<sup>10</sup> Segundo relatos da população de Cedral, um navio se aproximou da costa atlântica, na praia de Saçoitá, em 2017. Nele, não havia qualquer coisa, além de objetos de navegação. Desde então, o navio Baraka se tornou uma atração local. Esse caso carece de maiores investigações.

periodicamente, levando em consideração dados e informações sobre municípios, regiões e estados que têm vocação turística.

O Plano de Regionalização do Turismo é um instrumento estratégico de planejamento, que busca dividir o Brasil em regiões turísticas, de acordo com características locais, culturais, econômicas e de infraestrutura. A regionalização tem o objetivo de fomentar o desenvolvimento de áreas específicas, distribuindo melhor os fluxos turísticos e promovendo o desenvolvimento local.

## 5.1 REPRESENTAÇÕES SOCIOCULTURAIS

As representações sociais são um conceito fundamental na Psicologia Social, desenvolvida inicialmente por Serge Moscovici. Segundo o autor, as representações sociais são formas de conhecimento, que emergem da interação social e que ajudam os indivíduos a compreender e a interpretar a realidade ao seu redor. Elas são construídas, a partir de experiências compartilhadas e se manifestam como conjuntos de crenças, de opiniões e de atitudes que um grupo possui sobre determinado fenômeno ou objeto. Moscovici enfatiza que estas representações não são apenas reflexos da realidade, mas construções sociais que influenciam o comportamento e a comunicação dos indivíduos (Sousa; Souza, 2021).

Sousa e Souza (2021) citam Jodelet (1994), que complementa esta visão, ao definir a representação social como um conhecimento elaborado e compartilhado entre grupos, que tem objetivo prático na construção da realidade social. Para Jodelet, as representações sociais são formadas por conversas e por trocas de experiências, permitindo que os indivíduos compreendam e expliquem o mundo ao seu redor. Ela destaca que estas representações são expressões do senso comum, refletindo as visões coletivas aceitas e transmitidas de geração para geração.

As autoras apresentam que o processo de construção das representações sociais consiste na conversão de questões abstratas em realidades cotidianas, possibilitando que o que antes era subjetivo adquira significado e se torne compreensível, dentro de coletividades. Dessa forma, o conhecimento é gerado, a partir de ideias já existentes, que, ao serem compartilhadas, tornam-se comuns e distintivas, facilitando as compreensões de fatos, de objetos ou de fenômenos (Sousa; Souza, 2021). A expressão representação sociocultural adotada neste trabalho se refere, portanto, a estas realidades sociais, que estão ancoradas nas expressões da cultura popular local.

## 5.2 QUILOMBO DO CANAVIAL: EXPERIÊNCIA DE TURISMO DE BASE COMUNITÁRIA NA ROTA DO QUILOMBO

É imprescindível destacar a importância do reconhecimento dos territórios quilombolas e de sua população. Um dos destaques do Censo 2022 foi justamente a visibilidade do quantitativo desta população distribuído por todo o Brasil. O estado do Maranhão é o segundo em número de quilombolas, sendo o município de Alcântara o que possui maior população em território oficialmente delimitado (IBGE, 2023). A Figura 25 sintetiza alguns dos dados apresentados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística e pela Fundação Cultural Palmares.

Figura 25 – Infográfico com dados sobre as populações quilombolas no Brasil e no Maranhão



Fonte: elaborado pela autora, com base em IBGE e em FCP (2023)

O povoado se originou de uma antiga fazenda de engenho, produtora de cana-de açúcar e de derivados da mandioca. Atualmente, estima-se que há cerca de quatrocentos moradores na povoação, mas estes dados carecem de maior investigação. Em Canavial, busca-se a instauração de um turismo de base comunitária, que tende a se desenvolver gradualmente, com os apoios da Secretaria e do Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE).

O receptivo oferecido pela comunidade conta com a condução de dois jovens moradores locais, que receberam capacitação do SEBRAE. Além de conhecer o cotidiano da população, durante a experiência, são mostrados alguns pontos de referência para a comunidade, como a Igreja de Nossa Senhora Aparecida, a casa de farinha e o rio da Passagem. Em Canavial, o turista tem a oportunidade de conhecer as lideranças locais, que carregam consigo memórias de uma personalidade importante: dona Joana Cabecinha, a matriarca do quilombo, que faleceu

aos cento e quatro anos. Um dos legados é o grupo Tambor de Crioula, que se apresenta aos turistas, durante a experiência.

Figura 26 – Dona Joana Cabecinha



Fonte: Branco Melo (2021)

Figura 27 – Experiência de turismo de base comunitária no quilombo do Canavial



Fonte: Branco Melo (2023)

O Tambor de Crioula é patrimônio cultural brasileiro, inscrito no livro de formas de expressão. Como forte representação cultural do Maranhão e muito presente em diversos municípios, o Tambor de Crioula envolve dança circular, devoção à São Benedito, tambores e toadas.

De modo geral, podemos defini-la como uma modalidade de expressão de matriz afro-brasileira que envolve dança circular, canto e percussão de tambores. Dela participam as “coreiras”, tocadores e cantadores, conduzidos pelo ritmo incessante dos tambores e o influxo das toadas evocadas, culminando na punga (ou umbigada) – movimento coreográfico no qual as dançarinas, num gesto entendido como saudação e convite, tocam o ventre umas das outras. (IPHAN, 2006, p. 16).

Figura 28 – Tambor de Crioula



Fonte: Simonian (2023)

### 5.3 O BRASIL DO INTERIOR: O FESTEJO DOS PASTORZINHOS

Por ocasião do Dia de Reis, o povoado de Pericaú, localizado a cerca de 5 km do centro de Cedral, comemorava o fim do ciclo natalino, com a apresentação dos Pastorzinhos (nomenclatura utilizada pelos moradores). Esse é um festejo típico dos interiores brasileiros, rico em diversidade e em adaptações. Encontrou-se um conjunto de elementos característicos da região no cenário, como a radiola maranhense e o gênero musical *reggae* — tocado nos intervalos das apresentações —, além de distribuição de café com leite e de bolinhos de tapioca e de venda de bebidas alcólicas. Esses pequenos espaços tinham, como ponto central, o local da apresentação teatral.

O pastoril é uma manifestação popular, que se firmou, durante o século XIX, juntamente dos grupos sociais que surgiram no Brasil, especialmente nas localidades da costa do Nordeste

brasileiro (Pinto, 2002). O pastoril recebe diversas nomenclaturas, como pastorzinho, pastorinha, lapinha, entre outras. O teatro remete ao nascimento de Jesus, em que segundo a tradição cristã, os Reis Magos e os pastores de ovelhas buscavam o local do nascimento guiados por uma estrela. Nas adaptações do pastoril, outros personagens são inseridos na narrativa.

As comemorações de Natal com a apresentação do pastoril eram comuns em famílias abastadas, que permaneciam com a tradição, mesmo quando se mudavam para zonas rurais: “É uma celebração que coexiste numa região fronteira com a superposição de períodos históricos e culturas, com forças seculares e religiosas convivendo” (Pinto, 2006, p. 17). Em Cedral, o palco em que o enredo e a história evoluem é ornamentado com símbolos natalinos, como estrelas, arvoredos e flores e bandeiras, que simulam estandartes medievais.

Os elementos essenciais são as personagens (destaca-se a presença feminina na atuação), que remetem a representações de vários povos do mundo, e a banda musical, composta por instrumentos de sopro e de percussão e que executam músicas religiosas, populares e outras, de domínio público. Chamou a atenção a presença de um espectador, que, em pé, parecia ter a função de levantar aplausos do público para cada personagem.

Divertimentos públicos, ópera, atividades teatrais e procissões contribuíram para formar os *pastoris* em enredos e personagens, principalmente. Evocando o simbolismo da renovação pela fé, conhecido dos cristãos e exibido pelos personagens nesses dramas, os *pastoris* têm uma infinidade de reinterpretações no imaginário da população (Pinto, 2006, p. 20, frisos do autor).

Importante descrever o ambiente no povoado de Pericaú, que reunia, além dos espectadores da apresentação do Pastorzinho, um público diferenciado, que assistia à apresentação em um bar, acompanhado de uma típica radiola maranhense e de um DJ. A cada intervalo entre os atos, o *reggae* maranhense era tocado. A confluência entre os elementos da cultura local, de tradição colonizadora, e os fenômenos contemporâneos (como o surgimento do *reggae* no Maranhão) faz da apresentação do Pastorzinho um universo, que, como considera Pinto (2002), vai além das dicotomias já conhecidas, como profano/sagrado, popular/erudito.

Figura 29 – A “Cigana rica”: personagem da apresentação do Pastorzinho



Fonte: acervo da autora (2023)

Figura 30 – Cena final da apresentação do Pastorzinho



Fonte: acervo da autora (2023)

Observa-se que cada território é marcado por um elemento e atrai um determinado público (gênero, faixa etária, comportamento). Isso cria um típico ambiente familiar, com papéis e lugares definidos territorialmente, dentro de um mesmo espaço. Os homens mais velhos, por exemplo, procuravam estar mais próximos à radiola e ao DJ, enquanto senhoras e

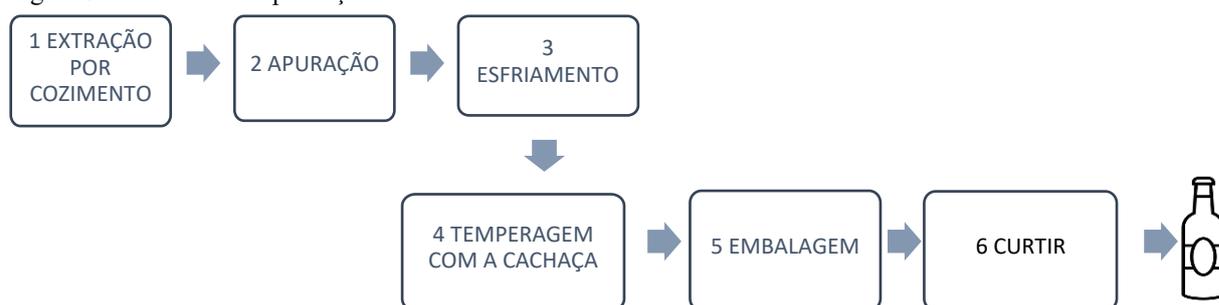
moças com bebês permaneciam próximas ao local do teatro ou no local de distribuição de café, enquanto as crianças ficavam sempre muito próximas ao palco em que ocorria as cenas.

#### 5.4 O ARTESANATO COMO REPRESENTAÇÃO SOCIOCULTURAL: OS LICORES DE SUZINETE E OS BORDADOS DO SENHOR NIEL

A produção de licores artesanais é significativa para a comunidade local, por conta da valorização da cultura alimentar, relacionada ao empreendedorismo. Em Cedral, uma referência é dona Suzinete, que começou a cozinhar trabalhando como doméstica, na função de cozinheira. Ela expressou que ama cozinhar, mesmo não se considerando uma *expert*.

O processo de produção de licor utilizado por Suzinete envolve várias etapas: coleta das frutas — ela menciona a busca por frutas, como o jenipapo e o tamarindo, colhidas em épocas específicas do ano; cozimento das frutas — a cozinheira acredita que este processo proporciona mais durabilidade ao produto, pois o cozimento é feito, até que as frutas criem uma calda, considerando um tempo, que pode variar de uma hora a uma hora e meia, dependendo da fruta; maceração com cachaça — após o cozimento, as frutas são deixadas esfriar e, em seguida, temperadas com cachaça, pois quanto mais tempo elas ficarem na cachaça, melhor será o sabor do licor; e embalagem — após o processo de temperagem, o licor é embalado em garrafas para venda ou consumo.

Figura 31 – Processo de produção do licor



Fonte: elaborado pela autora

Essas etapas refletem a tradição e a experiência que Dona Suzinete adquiriu, ao longo dos anos, muitas vezes aprendendo com sua avó. Os sabores de licor mais procurados são jenipapo (sabor destacado como um dos mais populares e com maior saída no mercado) e tamarindo (também considerado bastante procurado na região). Esses sabores são tradicionais

e têm forte conexão com a memória cultural da região, sendo frequentemente associados a receitas caseiras e à produção artesanal de licores.

A matéria-prima para a produção dos licores vem das frutas locais, pois Dona Suzinete busca ativamente frutas na região, especialmente aquelas que estão em época de colheita. Ela se dedica a encontrar e a colher frutas diretamente das árvores, o que demonstra seu compromisso em obter ingredientes frescos e de qualidade. Quando não consegue encontrar as frutas necessárias, recorre à compra de frutas de produtores ou comerciantes, priorizando a qualidade, mesmo que isto signifique um custo maior. Essa disposição para investir em ingredientes reflete sua preocupação em manter um padrão em seus licores, o que pode ser um diferencial importante no mercado.

Figura 32 – Fotografia dos licores produzidos pela sra. Suzinete



Fonte: acervo pessoal da sra. Suzinete (2021)

Os licores são vendidos de forma direta, para consumo local, encomendados e comercializados em eventos. Nesse sentido, a produtora menciona que muitas vezes vende diretamente a pessoas da região, que procuram por seus licores para consumo pessoal e para presentear. Ela também recebe encomendas de clientes, que desejam comprar seus licores, o

que permite que ela planeje sua produção, de acordo com a demanda, garantindo que possa atender às necessidades dos clientes.

Embora isto não tenha sido mencionado, é comum que produtores artesanais como o de dona Suzinete participem de feiras e de eventos locais, para promover sua comercialização. Além de vendas diretas, os licores também são procurados por visitantes da região, que buscam produtos típicos para levar como lembrança ou presente.

Figura 33 – Fotografia da Feira de Produtos Raiz



Fonte: Branco Melo (2021)

O Auto do Boi é outra manifestação folclórica brasileira originada no Período Colonial, que se expressa em diversas modalidades no país, através de ritmos, de indumentárias e de personagens em torno do boi, seu elemento principal, misturando aspectos da religiosidade católica e das culturas indígena e africana. No Maranhão, o folguedo remonta ao ciclo do gado, no século XVIII, durante a ocupação do Sul, e possui o nome de Bumba-meu-Boi, diferentemente de outros lugares, como Parintins, no Amazonas, em que é popularmente chamado de Boi-Bumbá.

A importância da festa do Bumba-meu-Boi para o Maranhão se dá principalmente pela expressividade da identidade cultural mantida pelos grupos tradicionais, que realizam os autos e os folguedos no mês de junho. No ano de 2011, o Complexo Cultural do Bumba-meu-Boi do

Maranhão foi registrado como patrimônio cultural do Brasil no livro das celebrações, ou seja, um patrimônio imaterial, que reflete vivências e expressões coletivas, de grande relevância na formação da sociedade brasileira.

O senhor Niel se dedica especificamente ao bordado do couro do boi, tecido de camurça que contém figuras e símbolos feitos à mão. Segundo o seu relato, a confecção do bordado demora em média um mês e quinze dias para ser realizada, sendo possível produzir quatro bois por ano. Atualmente, ele confecciona para o Boi de Guimarães e para o Boi de Santa Fé. Os materiais utilizados no bordado são: tecido de camurça; canutilhos; miçangas; e linhas de cera de abelha. Cerca de 1,6 kg de canutilho são utilizados em um bordado de 1,20 cm. A respeito do seu trabalho, o senhor Niel relata:

*“Esse canutilho, na hora que eu olho ele eu conheço logo se é importado ou não. O daqui, se a senhora botar hoje amanhã está tudo preto, não presta. Ele é bordado com linha e cera de abelha para não danificar. Para ficar bem preto. Agora eu vou lhe mostrar um que eu estou fazendo, um bordado para a senhora ver como é [...] Aqui é João e Pedro. Olha Pedro com o livro”* (informação verbal do sr. Neil, 2023)

Figura 34 – Fotografia do mestre artesão Niel Ribeiro



Fonte: Branco Melo (2021)

Figura 35 – Outra fotografia do mestre artesão Niel Ribeiro



Fonte: acervo da autora (2023)

O couro do boi é sustentado por um arco de jenipaúba e fixado na carcaça (estrutura do boi). Chama a atenção o modo com que o arco de jenipaúba é extraído da natureza, segundo o mestre artesão: no escuro e em noite de lua nova.

Embora o senhor Niel trabalhe de maneiras autônoma e informal, o ofício de artesão é sua principal ocupação. Ele já confeccionou cerca de cem trabalhos, além de ter ministrado cursos e oficinas pelo estado. Como sugestão para a valorização do ofício, sugere a realização de oficinas locais e relata que se disponibilizaria a ministrá-las, pois, em suas palavras, acredita ser este um dom “[...] que ‘tá na mente’” (informação verbal do sr. Neil, 2023).

*[...] E tem o corpo dele. Só que o corpo não está aqui. Tudo isso eu faço [...]. E botar a saia. É. Sim, o Canutilho, é feito, a senhora perguntou, é porque você viu que tem um brilho. Então, se você pintar, quando essa ornamentação é pintada, não vai ter aquele brilho, nem a durabilidade. Então, é assim, como a maioria dos bumba bois são apresentados à noite, nas apresentações, precisa de um brilho para chamar a atenção. Então, vou chamar a atenção”* (informação verbal do sr. Neil, 2023).

## 5.5 UM LEGADO QUE VEIO DOS MARES: A HISTÓRIA DE VIDA DO SEU MANELES

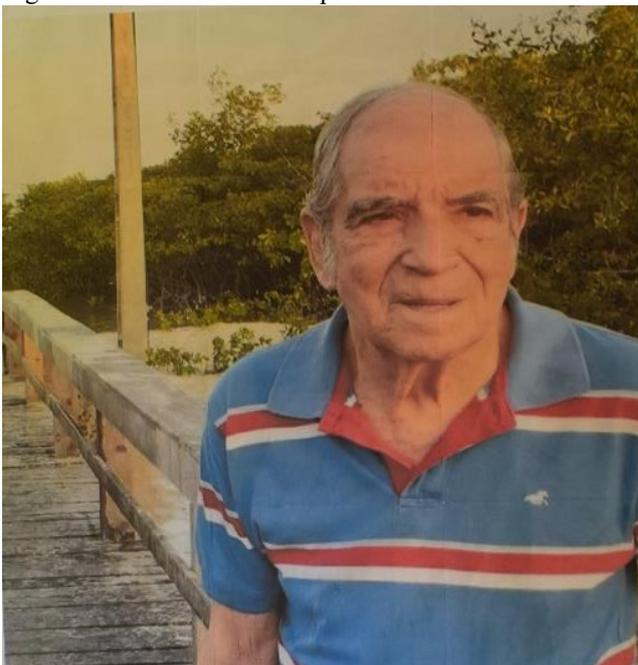
Em uma breve contextualização histórica, voltamos ao início dos anos 1930, em que Portugal, após sucessivas crises e mudanças políticas, instaura a Segunda República Portuguesa, também chamada de Estado Novo (1933-1974). O governo do então presidente Óscar Carmona tinha, como primeiro-ministro, Antônio Oliveira Salazar, que se manteve no poder por trinta e seis anos. Com o apoio da classe média, o Estado Novo buscava estabilizar a economia (Rosas, 2012; Valela, 2015).

O governo ditatorial de Salazar provocou lutas de resistência política, ao longo dos anos, vindo a culminar na Revolução dos Cravos, em abril de 1974, resultando em eleições diretas e na posterior independência de algumas colônias africanas, como Moçambique, Angola, Guiné-Bissau, Cabo Verde e Timor Leste (Rosas, 2012; Valela, 2015). Portugal viveu cenários de perda de renda e de longas jornadas de trabalho, por parte dos trabalhadores, fatores que impulsionaram a imigração destes para o Brasil, a partir da década de 1950. Além disso, muitos buscavam fugir do serviço militar, que mantinha operações na Índia e nas guerras coloniais (Grangeia, 2017).

A relação das sociedades humanas com o mar é substancialmente composta pelas aspirações de liberdade. Em outros tempos, desbravar os oceanos significou (e ainda significa) a garantia de novos territórios. Para os Estados-Nação, o empreendimento colonial foi o modelo em que a conquista da terra, o fortalecimento do comércio e a oferta de mão de obra levaram ao estabelecimento de relações de poder, através da supressão de culturas e da reorganização de territorialidades. No entanto, para muitos indivíduos, desbravar os mares significava simplesmente liberdade.

A fim de compreender as formações socioambientais de Cedral e do povoado de Outeiro, a entrevista com Laura Braga da Silva foi oportuna e de suma importância para este trabalho. Laura é filha mais nova do senhor Manuel Jorge Gaspar da Silva, conhecido como seu Maneles, importante morador do povoado, hoje com 89 anos. A entrevista ocorreu na residência da família, localizada nas proximidades da Praia do Português.

Figura 36 – Seu Maneles nas proximidades da Praia do Português



Fonte: acervo da família (2023)

Seu Maneles nasceu em Lisboa, no bairro da Lapa, em 17 de maio de 1934. Filho único, estudou na Escola Politécnica, em Lisboa, era modelo de artistas plásticos da Escola de Belas Artes, gostava de pintar quadros e de acampar na Serra de Sintra e foi autodidata em conhecimentos de navegação. Fugindo do regime ditatorial de Salazar e movido pelo imaginário amazônico, atravessou o Atlântico com um amigo em um trimarã e se estabeleceu no Maranhão.

Figura 37 – Seu Maneles com um ano de idade



Fonte: acervo da família (2023)

Segundo relato de Laura Silva, seu Maneles veio para a região amazônica há cerca de sessenta anos. Na primeira tentativa, o barco que havia construído alagou, o que o obrigou a ficar na costa da Espanha, sendo deportado para Portugal. Ele vendeu alguns quadros e construiu um trimarã de oito metros e reiniciou sua travessia, juntamente de um amigo, aportando em Jericoacoara, no Ceará, e vindo, pela região costeira, até as proximidades das praias de Cururupu, no Maranhão, estabelecendo-se nas praias de Valha-Me-Dous e de Bate Vento. Seu amigo Carlos, não adaptado às condições climáticas, decidiu retornar para Portugal, motivo pelo qual seu Maneles vendeu o trimarã, para que seu amigo retornasse.

Seu Maneles iniciou a construção de outros barcos, utilizando madeira da região, e repassou seus conhecimentos de construção naval, especialmente de catamarãs, aos moradores locais, os quais relatam que ele tinha o hábito de andar nu, fato explicado na entrevista, uma vez que, por ter sido modelo para artistas plásticos, via a nudez como algo natural. Hoje, com 89 anos, ainda reside no povoado de Outeiro, nas proximidades da Praia do Português (que recebeu este nome em sua homenagem), onde a família mantém a tradição de confecção de embarcações, especialmente de “taroas”, como o catamarã é popularmente conhecido em Cedral. As figuras a seguir mostram a entrevista dada a uma rede de televisão, em que seu Maneles fala sobre sua experiência na produção de embarcações, e a imagem do estaleiro Boa Esperança, localizado próximo a sua residência, em Outeiro, atualmente sob administração da família.

Em vídeo do acervo da família, seu Maneles relata uma de suas aventuras pela Amazônia. Ele estava na Guiana Francesa e precisava retornar ao Brasil. Inicialmente, ele enfrentou dificuldades, ao entrar na densa floresta, descrita como fechada e cheia de obstáculos. Com uma mochila contendo um facão, uma bússola e algumas roupas, ele se aventura pela mata, em busca de partes mais altas, e acaba encontrando os índios Wayana.

Após cerca de quinze dias de caminhada, ele passa um mês com os índios, desfrutando da convivência e aprendendo sobre sua cultura. No entanto, a polícia da Guiana, ao descobrir sua presença na mata, busca-o, preocupada com a possibilidade de ele transmitir doenças aos indígenas. Ele retornou ao Brasil de avião, acompanhado por três gendarmes e outros brasileiros que estavam na região. Essa viagem de volta foi mais fácil, em comparação à jornada inicial, feita pela floresta.

*“Era na Guiana Francesa. Encontrei essa tribo e passei uns dois meses lá com eles. E tava muito bem lá. Gostava de estar, mas foi a polícia lá da Guiana que foi me buscar lá. Souberam que tinha um homem branco lá na mata. Lá onde é que eu morando junto com os índios. Aí foram lá. Eu tava lá muito bem. Tava até no rio tomando um banho, quando os caras chegaram por lá, os gendarmes. Todos armados e coisa. Ah, mas me trataram muito bem. Os chefes deles, um homem bacana. Um chefe dos gendarmes, ele aí. Esteve-me explicando uma coisa. A mim e os índios que estavam também. Ficamos todos juntos. Eu, os índios e ele. E ele disse: ‘Olha, Manoel. Tu não podes ficar aqui com os índios. Deves ter no teu corpo micróbios que vão prejudicar eles. Ou vice-versa. E se esses índios começarem a morrer. Eles vão saber que foi por tua causa. E eles podem dizer que eles queriam te matar’. Ele conversou muito comigo. Lembro que fizemos ali uma comida boa. Mesmo lá na mata. Acendemos uma fogueira. Ficamos conversando. Eu, ele e os legionários. O cara me tratou muito bem. E aí ele disse: ‘Bom, agora. Agora o jeito é a gente voltar para o Brasil.’ Foi o jeito.” (informação verbal do sr. Maneles, 2008).*

Figura 38 – Seu Maneles, em entrevista a uma rede televisiva local



Fonte: YouTube (2008)

Figura 39 – Estaleiro Boa Esperança



Fonte: acervo da autora

A experiência se destaca pela relação entre o ser humano e a natureza. A travessia pela densa floresta amazônica e a convivência com os Wayana mostram a importância de entender o meio ambiente e a história ilustra como a interação entre diferentes culturas pode ser enriquecedora, embora também apresente desafios, como as preocupações com a saúde e com a preservação das tradições. A jornada aqui descrita é um exemplo de superação de desafios físicos e emocionais, pois as determinações de seu Maneles a atravessar a floresta e a se integrar aos indígenas reflete a coragem e a resiliência necessárias para enfrentar situações adversas.

## 5.6 LAZER E TURISMO EM DESENVOLVIMENTO: A REGATA DE OUTEIRO

Na pesquisa bibliográfica que antecedeu à pesquisa, coletou-se poucas informações sobre a Regata de Outeiro, bem como não há documentos sobre as regras oficiais da competição, o que justifica a importância das informações aqui registradas. Durante a entrevista com o secretário de turismo Josiel de Sousa Melo, foi possível obter informações sobre o início da tradição da festa. Ressalta-se, nesse viés, que o interlocutor tem profunda relação com o lugar e demonstra ter contato constante com a população local e conhecimento sobre o município e as suas localidades.

Segundo Josiel, a regata no povoado de Outeiro se deu por iniciativa dos pescadores locais. Segundo ele, a regata foi oficialmente criada em 1979, por iniciativa do professor Demerval dos Santos Martins, que escolheu o dia Sete de Setembro por ocasião do feriado nacional e como forma de homenagem ao Dia da Independência, e tinha uma bandeira do Brasil como prêmio, e assim permaneceu por alguns anos, sendo mantida pela população local e pela Colônia de Pescadores.

Em 1989, a competição passa a ser organizada pela Secretaria de Educação e compõe o calendário de eventos. A partir de então, outros atrativos foram incluídos, como o desfile Garota Regata e apresentações culturais. O evento convergia com o desfile cívico das escolas, o que fez com que a regata não acontecesse por alguns anos, no entanto continuava a mobilizar a população local, por isto o desfile cívico foi transferido para o dia cinco de setembro. Nesse retorno, passou a ser organizado pela Secretaria de Ação Social.

Em 2023, a 38ª Regata de Outeiro contou com os desfiles Garoto e Garota Regata, que homenagearam os quilombos de Cedral, com a competição de ciclismo, com a Feira de Produtos Raiz (com artesanato e culinária regionais), com *shows* de bandas e com as tradicionais radiolas maranhenses. Agora, de organização da Secretaria de Turismo e Cultura, o evento demonstra ser um importante atrativo local, pois mobiliza a população dos povoados e dos municípios vizinhos para o que é chamado popularmente de “pufia” (competição de regatas e embarcações).

Figura 40 – Moradores do povoado de Outeiro assistem a treinos dos competidores



Fonte: acervo da autora (2023)

Em Cedral, a regata ocorre na Praia de Outeiro, nas proximidades da Baía de Cumã. Em anos anteriores, havia duas categorias: com quilhas; e sem quilhas, mas, com a motorização dos barcos de pesca, os atuais participantes precisam realizar adaptações nas embarcações, para que estejam aptas a competir, uma vez que somente barcos à vela são permitidos na regata. Observou-se que as equipes realizam treinos e ajustes necessários bem antes do dia sete e que os competidores se organizam em quatro categorias: grande embarcação; média embarcação; pequena embarcação; e catamarã (chamadas taroas), que trazem equipes de cinco a oito pessoas, distribuídas nas funções de mestre, de meeiro ou esgoteiro e de lastreiro.

Figura 41 – Embarcações se posicionando para a largada



Fonte: acervo da autora (2023)

Para conhecer a dinâmica da organização do evento, a observação participante ocorreu ao final da tarde/início da noite do dia seis de setembro, durante realização de atividades de apoio da Secretaria de Turismo: organização e distribuição de camisetas; organização do palco principal; e registros fotográficos. Durante o dia sete, foram realizados registros audiovisuais. Cabe à Secretaria de Turismo e Cultura toda a organização da parte festiva, desde a demarcação das áreas para venda ao processo de contratação de bandas, o que inclui a organização do desfile, com suporte a candidatos e a jurados. À Secretaria de Pesca coube a organização das embarcações e os diálogos com as equipes, antes, durante e depois da competição.

Um dos primeiros pontos a explicar trata da característica de lazer que a festa da regata possui, pois a população se engaja nos treinos e na organização das vendas, desde os dias anteriores. As embarcações são patrocinadas por políticos e por empresários locais, que doam lonas como forma de propaganda, e as equipes representam os estaleiros ou trazem consigo as histórias de familiares, dos quais receberam a tradição. A regata é uma festa para os cedralenses, aspecto que o turista que a acompanha tende a perceber e que será descrito, ao longo deste trabalho. Em suma, algumas observações foram organizadas no Quadro 4.

Quadro 4 – Quadro-síntese das observações de campo

O que foi observado? <b>O papel do município nos fomentos a práticas sustentáveis e ao engajamento comunitário</b>	
ITEM	OBSERVAÇÃO
• Ação de Educação Ambiental	Não foi identificada ação de educação ambiental. É urgente maior atenção à coleta de lixo nas áreas do evento desde os dias que antecedem o evento.
• Eventos paralelos	A competição de ciclismo ocorreu no dia seis, engajando outras comunidades e povoados.
• Agência de receptivo realizando roteiros	Cedral conta com serviços de receptivo turístico, mas durante os dias 6, 7 e 8 não foi observado grupos sendo conduzidos especificamente para a Regata de Outeiro.
• Comercialização de produtos locais diversos	A Feira de Produtos Raiz reúne o artesanato e a culinária locais, no entanto carece de maior visibilidade
• Mídias local e/ou regional	Presença de meios de comunicação da cidade e da região na cobertura do evento
• Coleta de lixo nas áreas próximas ao evento	No dia seis, a coleta de lixo ocorreu normalmente no povoado, no entanto são urgentes maiores atenções ao descarte e à coleta do lixo produzido nos dias de evento
• Organização dos vendedores ambulantes	A divisão dos espaços destinados aos vendedores de bebidas e de comidas e a localização destes nas áreas de circulação foram definidas por sorteio, realizado pela Secretaria de Turismo e Cultura
• Presença de agentes de segurança pública	Foi observada a presença de policiamento, durante o evento, com destaque para a urgência no emprego do Corpo de Bombeiros Militar, pois apenas os bombeiros civis estiveram presentes no povoado, em terra — durante a competição, o apoio dos bombeiros militares para salvamentos na água é de extrema importância
• Poluições sonora e visual	A poluição sonora decorre das proximidades de aparelhagens e de radiolas, espalhadas nos empreendimentos e na rua que dá acesso ao local do evento
• Organização do tráfego de veículos nas áreas próximas ao evento	O tráfego de veículos é bloqueado na rua principal do povoado, no entanto se observou acessos de vans de turismo, de um ônibus <i>double decker</i> e de automóveis de vendedores ambulantes. É necessário um maior ordenamento do fluxo de veículos vindos de fora do povoado
• Apresentação culturais locais	A presença de elementos da cultura tradicional foi constante, durante o desfile Garoto e Garoto Regata, que teve os quilombos de Cedral como temática. Além deste, não houve outras apresentações, que remetessem à cultura dos povos tradicionais

Fonte: elaborado pela autora (2023)

A percepção dos turistas, sintetizada no quadro a seguir, aponta que estes permaneceram na cidade de três a cinco dias. Dos cinco entrevistados, dois vieram à Regata de Outeiro pela primeira vez e três, já participaram em anos anteriores, apontando que o fluxo de turistas foi

maior em 2023, em relação ao ano em que estiveram presentes<sup>11</sup>. Em relação aos segmentos turísticos elencados, os entrevistados apontaram, em ordem de prioridade, aventura e ecoturismo como os que possuem maior potencial turístico, seguidos de Sol e praia e de turismo cultural. Foram apontados, como atrativos que possuem maior potencial: culinária; passeio de catamarã; festa da regata; igarapés; praia; e revoada de guarás — os três últimos foram os mais citados pelos entrevistados, consecutivamente.

---

<sup>11</sup> Na entrevista, “ano anterior” refere o ano em que o turista esteve presente; não necessariamente 2022.

Figura 42 – Quadro de resultados das entrevistas

		P1	P2	P3	P4	P5
1ª) Por quantos dias permaneceu na cidade?		5 dias	5 dias	2 dias	2 dias	3 dias
2ª) É primeira vez que participa da Regata de Outeiro?	a) Se sim: Como você avalia a experiência?	TERMOS SELECIONADOS: -Voltaria outras vezes -Os restaurantes em Cedral precisam abrir normalmente -Festa para os moradores de Outeiro	TERMOS SELECIONADOS: -Ainda falta um olhar para o turismo. -É para a comunidade e não para o turista. -As tradições são muito fortes -Infraestrutura da cidade			
	b) Se não: Como você avalia o fluxo de turistas no período da regata de Outeiro?	<input type="checkbox"/> Maior que o ano anterior <input type="checkbox"/> Igual ao ano anterior <input type="checkbox"/> Menor que o ano anterior	<input type="checkbox"/> Maior que o ano anterior <input type="checkbox"/> Igual ao ano anterior <input type="checkbox"/> Menor que o ano anterior	<input type="checkbox"/> <u>Maior que o ano anterior</u> <input type="checkbox"/> Igual ao ano anterior <input type="checkbox"/> Menor que o ano anterior	<input type="checkbox"/> <u>Maior que o ano anterior</u> <input type="checkbox"/> Igual ao ano anterior <input type="checkbox"/> Menor que o ano anterior	<input type="checkbox"/> <u>Maior que o ano anterior</u> <input type="checkbox"/> Igual ao ano anterior <input type="checkbox"/> Menor que o ano anterior
3ª) Em relação ao turismo no município:	a) Quais segmentos você considera ter o maior potencial? (Em ordem de prioridade) <input type="checkbox"/> Sol e praia <input type="checkbox"/> Turismo cultural <input type="checkbox"/> Aventura e ecoturismo <input type="checkbox"/> Turismo de base comunitária	1º Aventura e Ecoturismo 2º Cultural 3º Sol e praia	1º Aventura e Ecoturismo 2º Cultural 3º Sol e praia	1º Aventura e ecoturismo 2º Sol e praia 3º Cultural	1º Aventura e ecoturismo 2º Sol e praia 3º Cultural	1º Aventura e ecoturismo 2º Sol e praia
	b) Quais atrativos você considera com maior potencial?	• Culinária (camarão e peixe)	• Roteiro dos Igarapés • Passeio de Catamarã • Revoada de Guarás	• Praia e rios	• Igarapés • Praia • Revoada de guarás	• Festa da Regata • Praia • Igarapés

Fonte: elaborado pela autora (2023)

Em relação aos dois turistas que participaram pela primeira vez, destaca-se a seguinte fala:

*“Ainda falta um olhar para o turismo. É voltada para eles, mas não para o turista. Tive a impressão que é para a comunidade e não para o turista. As tradições são muito fortes. É importante que o poder público pense em como fazer o arranjo e tomar um cuidado em indicar a regata. Outro aspecto importante é a cidade ter infraestrutura, pois é para a comunidade”* (informação verbal de P2, 2023).

A fala de P2 reitera as características de lazer que a regata possui. Isso já havia sido observado na pesquisa, mas a expressão inequívoca de um turista a este respeito é de grande importância, pois abre espaço para que o setor público reflita a respeito da manutenção desta característica especial da regata de Outeiro. Seria benéfico transformá-la em um produto turístico, assumindo o risco de que sua característica de lazer fosse dissolvida, ao longo dos anos? Essa reflexão é de grande importância para o planejamento turístico local, pois este atrativo é um elemento extraordinário dos circuitos de visitação e de experiência no Polo Turístico Floresta dos Guarás

## 6 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A escolha do turismo sustentável como foco de pesquisa é pertinente, especialmente em regiões como a Amazônia, o que comprova que uma abordagem multidisciplinar é essencial para captar as *nuanças* das interações entre os diferentes atores envolvidos no turismo. Além disso, a conexão desta lógica com a Teoria dos Sítios enriquece a análise, pois, além de enfatizar a importância das identidades locais e das práticas culturais na construção de novos modelos ainda em curso, propõe uma discussão sobre os desafios práticos que podem surgir na implementação de um turismo situado. A pesquisa aponta para a carência de infraestrutura adequada para suportar o desenvolvimento do turismo, o que pode limitar as capacidades do município de atrair visitantes e de oferecer serviços. Ademais, há a necessidade de um maior engajamento das representações socioculturais e da comunidade local nas atividades turísticas, ao passo que a falta de conscientização sobre a importância do turismo sustentável pode resultar em uma participação limitada da população nas iniciativas.

O setor público de turismo de Cedral ainda está em fase inicial, no entanto se observou um grande avanço na interação com a instância de governança do polo, pois a relação entre o setor público de turismo de Cedral e o polo era apenas ocasional no início da pesquisa, mas se estreitou no decorrer do ano de 2024, a exemplo da divulgação da Rota dos Guarás. A maior visibilidade para as áreas úmidas costeiras é um dos grandes desafios para o setor público de Cedral, pois esta absorve a responsabilidade de promover desenvolvimento em um momento sensível às questões ambientais na Amazônia.

A pesquisa sugere que o turismo pode ser uma ferramenta viável para a diversificação da economia local, desde que implementado de maneiras sustentável e integrada às características da região. A confirmação da hipótese de que o turismo situado é uma possibilidade tangível de melhoria da economia local no contexto socioambiental amazônico depende de séries de fatores e de evidências a serem coletadas em pesquisas futuras, dado que a análise de outros casos, em que o turismo situado foi implementado com sucesso em outras regiões amazônicas, pode fornecer evidências concretas de sua viabilidade. Isso quer dizer que o atual momento do turismo na Amazônia carece de observações, que permitirão uma síntese sobre tal questão, ao longo do tempo. A capacidade do turismo situado de contribuir para a conservação ambiental e para a sustentabilidade econômica pode ser um indicador importante, isto é, se as práticas turísticas resultarem em benefícios ambientais e sociais, isso reforçaria tal hipótese. A coleta e a análise de dados sobre os impactos econômico, social e ambiental do turismo na região podem fornecer evidências quantitativas e qualitativas que ajudem na

observância da hipótese. Em resumo, a confirmação da proposição de que o turismo situado é viável no contexto amazônico requer uma abordagem multidimensional, considerando tanto os aspectos positivos quanto os desafios enfrentados. São necessárias novas pesquisas, que devam continuar a explorar estas dinâmicas, para fornecer compreensões mais profunda e mais fundamentada sobre a viabilidade do turismo situado na Amazônia. No caso de Cedral, especificamente, os avanços dos últimos três anos indicam que o turismo situado é um modelo possível para a realidade local

O envolvimento da comunidade local nas decisões e na gestão do turismo é fundamental, objetivando garantir que os benefícios do turismo sejam distribuídos de forma justa, de modo a fortalecer a própria autonomia da população.

A partir da Teoria dos Sítios, de Zaoual (2006), é possível fazer uma conexão entre os lugares visitados em Cedral e os elementos neles encontrados. Citamos, a seguir, três exemplos de como a teoria encontra as experiências em campo: no Quilombo do Canavial, poderíamos considerar a presença de dona Joana Cabecinha durante muitos anos na comunidade quilombola como a caixa preta, aquela que contém os mitos fundadores, o que leva à caixa conceitual, que seria o Tambor de Crioula, que pode ser acessado pela caixa de ferramentas, ou seja, o grupo de apresentação cultural; em Pericaú, a festa dos Pastorinhos teria, como caixa preta, as raízes tradicionais brasileiras, como caixa conceitual, o teatro popular, que pode ser acessado, através da caixa de ferramentas: as apresentações dos grupos de teatro, da banda musical e das pessoas envolvidas com os eventos em Pericaú; e, na regata de Outeiro, a caixa preta seria a história de vida do seu Maneles, tendo o saber empírico de construção naval como caixa conceitual e a disputa das embarcações como caixa de ferramentas.

Para testar a teoria em conexões mais profundas e mais detalhadas, seria necessária a continuidade da pesquisa, para que mais informações fossem levantadas. O que se pretendeu mostrar aqui foi que, de acordo com a teoria, os aspectos imateriais são as raízes das organizações sociais, que se manifestam em entidades materiais, a partir dos modos de vida das populações locais.

Entretanto, é mandatório reconhecer que existem desafios a serem enfrentados, como a necessidade de infraestrutura adequada, a capacitação da comunidade e a superação de práticas turísticas massificadas, que podem ser prejudiciais ao ambiente. A pesquisa conclui que, com um planejamento cuidadoso e com a participação ativa de todos os atores sociais, o turismo situado pode ser uma alternativa viável e benéfica. Nesse caminho, as colaborações de outras instâncias de governança e da iniciativa privada são cruciais ao desenvolvimento do turismo. A falta de uma rede de apoio poderia limitar as oportunidades de crescimento e de inovação no

setor, e a pesquisa demonstrou que esta rede de apoio com outros municípios tende a se fortalecer, gradualmente, gerando resiliência a processos globalizantes, uma vez que o turismo situado oferece uma alternativa ao turismo de massa, que muitas vezes resulta em homogeneização cultural e em degradação ambiental. Ao focar nas especificidades locais, essa abordagem ajuda a preservar a singularidade da região e a resistir a pressões externas.

Conforme descrito, a Regata de Outeiro é um evento significativo para Cedral, que reflete tanto a cultura regional quanto as dinâmicas sociais e econômicas do turismo na Amazônia. Esse evento celebra a cultura local e também serve como espaço de interação social, em que diferentes grupos se reúnem, promovendo sentidos de pertencimento e de identidade, no entanto é importante considerar se a autenticidade cultural do evento está sendo preservada ou se este pode se tornar uma atração turística massificada, diluindo seu caráter de lazer e induzindo impactos ambientais. Do ponto de vista econômico, a regata tem o potencial de impulsionar o turismo local, atraindo visitantes e gerando receita para a comunidade, e a presença de vendedores ambulantes e a feira de produtos locais, como artesanato e culinária, são exemplos de como o evento pode beneficiar a economia local.

A Regata de Outeiro enfrenta desafios, como a necessidade de maior visibilidade e organização, além de um planejamento mais eficaz para lidar com o fluxo de turistas e com a infraestrutura necessária, no entanto estes desafios também representam oportunidades para o desenvolvimento de um turismo mais sustentável e mais inclusivo, que respeite as tradições locais e que promova maiores cuidados com o meio ambiente.

A análise da atuação do setor público de turismo de Cedral revela aspectos positivos e desafios significativos, que precisam ser enfrentados, para que o turismo se torne uma força propulsora do desenvolvimento local. A criação da Secretaria de Turismo e Cultura, em 2018, demonstra o reconhecimento da importância do turismo para o desenvolvimento da região, mas a presença de cinco funcionários, com uma divisão entre turismo e cultura, apesar de sugerir uma tentativa de integrar as atividades culturais às iniciativas turísticas, torna a efetividade da estrutura questionável, especialmente considerando a necessidade de mais recursos humanos e financeiros para atender às demandas crescentes, durante eventos como a Regata de Outeiro.

Por outro lado, a promoção de eventos como a Regata de Outeiro é um aspecto positivo, pois atrai turistas e gera visibilidade para a cidade, contudo não foi constatada a condução específica de grupos para a regata, indicando a ausência de estratégias adequadas de *marketing* e de promoção, o que pode limitar o potencial turístico da região.

A infraestrutura turística de Cedral apresenta desafios, especialmente em relação à organização do fluxo de visitantes e à adequação dos espaços para eventos, isto é, a falta de um

ordenamento na área urbana, durante o evento, pode levar a problemas logísticos, que afetam a experiência do turista e a imagem da cidade como destino turístico.

O campo acadêmico deve, sem nunca se ausentar de tecer críticas e de apontar problemas, pensar novas possibilidades e propor e experimentar modelos, de modos participativo e coerente. Esse processo criativo é um desafio para o pesquisador, uma vez que pesam sobre a Amazônia perspectivas futuras em diversos campos de desenvolvimento. Nesse viés, os movimentos endógenos, sejam como utopia ou, mesmo, enquanto práxis, não de ser viabilizados, pois podem implicar capacidades de autonomia para as sociedades locais, seja nos papéis de pesquisador, de agente dos setores públicos, de representantes comunitários e de grupos sociais.

## REFERÊNCIAS

- AB'SABER, Aziz Nacib. **Os domínios de natureza do Brasil: potencialidades paisagísticas**. 7. ed. São Paulo: Ateliê Editorial, 2003.
- ALMEIDA, Juliana Ribeiro. **Cedral: nosso viver**. Fortaleza: Viana Editora, 2022.
- ANGROSINO, Michael. **Etnografia e observação participante**. Porto Alegre: Artmed, 2009. 138 p.
- ARAÚJO, Luciana Spinelli *et al.* **Coleção de mapas temáticos do Macro ZEE do Maranhão: guia de consulta rápida**. [Campinas]: Embrapa, 2014.
- BANDEIRA, Iris Celeste Nascimento (org.). **Geodiversidade do estado do Maranhão: Programa Geologia do Brasil: levantamento da geodiversidade**. Teresina: CPRM, 2013.
- BARBOSA, Ycarim Melgaço. **História das viagens e do turismo**. São Paulo: Aleph, 2002.
- BARBOSA, Zulene Muniz *et al.* Formação Socioeconômica do Estado do Maranhão. *In*: CASTRO, Edna; CAMPOS, Índio. **Formação Socioeconômica da Amazônia**. Belém: NAEA, 2015.
- BARDIN, Laurence. **Análise de conteúdo**. 6. ed. rev. e ampl. São Paulo: Edições 70, 2011.
- BAQUERO, Antônio Vazquez. **Desenvolvimento endógeno em tempos de globalização**. Porto Alegre: FEE, 2001.
- BAUMAN, Zygmunt. **O Mal-Estar da Pós-Modernidade**. [S. l.]: Zahar, 1999.
- BRAGA, Laura. **Seu Maneles relata sua aventura na Guiana Francesa**. MP4. 2008.
- BRASIL. Ministério do Turismo. **Plano nacional de turismo - 2018-2022: mais emprego e renda para o Brasil**. Brasília, 2018. Disponível em: [http://regionalizacao.turismo.gov.br/images/PNT\\_2018-2022.pdf](http://regionalizacao.turismo.gov.br/images/PNT_2018-2022.pdf). Acesso em: 4 fev. 2022.
- BRESSER-PEREIRA, Luís Carlos. **O Conceito histórico de desenvolvimento econômico**. 2006. Disponível em: <http://www.bresserpereira.org.br/papers/2006/06.7conceitohistoricodesenvolvimento.pdf>. Acesso em: 1º jun. 2022.
- CAMARGO, Luiz Otávio. **O que é lazer**. 2. ed. São Paulo: Brasiliense, 1986.
- CAMPOS, Raul Ivan Raiol. Turismo: da gênese à perspectiva de sustentabilidade do patrimônio cultural. *In*: CRUZ, Silvia Helena Ribeiro; SIQUEIRA, Fabricio Lemos de (Org.). **Turismo: Gestão e desenvolvimento na Pan-Amazônia**. Belém: Paka-Tatu, 2021. p. 210-233.
- CASTELLI, Geraldo. **Turismo: atividade marcante do século XX**. 2. ed. Caxias do Sul: EDUCS, 1990.

CASTRO, Edna; CAMPOS, Índio. **Formação Socioeconômica da Amazônia**. Belém: NAEA, 2015.

CATUNDA, Paulo Henrique de Aragão; SANTOS, Jorge Hamilton Souza; DIAS, Luiz Bezerra da Silva Dias (org.). **Relatório técnico de geologia, geomorfologia e hidrogeologia do Zoneamento Ecológico Econômico do Estado do Maranhão-Etapa Bioma Amazônico**. São Luís: IMESC, 2019.

CRESWELL, John Ward. **Investigação qualitativa e projeto de pesquisa**. 3. ed. Porto Alegre: Penso, 2014.

CRESWELL, John Ward. **Projeto de pesquisa: método qualitativo, quantitativo e misto**. 2. ed. Porto Alegre: Artmed, 2007.

DIAS, Juliana Maddalena Trifilio. **Lugar geopsíquico: contribuições da psicanálise para uma epistemologia da geografia**. 2019. 172 f. Tese (Doutorado em Geociências) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2019.

DUARTE, Fábio; ULTRAMARI, Clóvis. **Desenvolvimento local e regional**. 2. ed. Curitiba: Ibpx, 2011.

DUMAZEIER, Jofre. **Valores e conteúdos culturais**. São Paulo: Vozes, 1980.

GIL, Antônio Carlos. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 5. ed. São Paulo: Atlas, 2010.

GRANGEIA, Mario Luís. **Memórias e direitos na imigração Portuguesa no Brasil no século XX. Artigos Livres**, 2017. DOI: <https://doi.org/10.1590/1980-436920170000000016>. (História, n.º 36)

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Cidades**. 2023. Disponível em: <https://cidades.ibge.gov.br/brasil/ma/cedral/panorama>. Acesso em: 10 set. 2023.

INSTITUTO BRASILEIRO DE GEOGRAFIA E ESTATÍSTICA (IBGE). **Dados de comunidades quilombolas**. 2019. Disponível em: <https://educa.ibge.gov.br/jovens/materias-especiais/21311-quilombolas-no-brasil.html>. Acesso em: 5 maio 2023.

INSTITUTO DO PATRIMÔNIO HISTÓRICO E ARTÍSTICO NACIONAL (IPHAN). **Os tambores da ilha**. Coordenação: Rodrigo Ramassote. Brasília: [IPHAN], 2006.

INSTITUTO MARANHENSE DE ESTUDOS SOCIOECONÔMICOS E CARTOGRÁFICOS (IMESC). **Enciclopédia dos Municípios Maranhenses: microrregião geográfica do Litoral Ocidental Maranhense**. 1. ed. São Luís: IMESC, 2012.

KISHTAINY, Niall. **Uma breve história da economia**. Porto Alegre: L & PM, 2018.

LEFEBVRE, Henri. **Marxismo: uma breve introdução**. Porto Alegre: L&PM Pocket, 2019.

LEFEBVRE, Henri. **O direito à cidade**. São Paulo: Centauro, 1968.

LEFF, Enrique **Epistemologia ambiental**. São Paulo: Cortez, 2001.

LEITE, Marcela Ribeiro *et al.* **Cedral: Nosso Viver: Estudos Regionais**. Fortaleza: Viana, 2022.

LIMA, Carlos de. **História do Maranhão**. Brasília: Senado Federal, 1981.

MARANHÃO (estado). **Plano Estratégico de Turismo do Estado do Maranhão**. Barcelona, 2020. Disponível em: [https://turismo.ma.gov.br/uploads/setur/docs/4-PLANO-MAIOR-2020\\_Relat%C3%B3rio-Final.pdf](https://turismo.ma.gov.br/uploads/setur/docs/4-PLANO-MAIOR-2020_Relat%C3%B3rio-Final.pdf). Acesso em: 18 set. 2023.

MARQUES, Valter José; MARQUES, Suely Serfafy. Cenários da geodiversidade do Maranhão. *In*: BANDEIRA, Iris Celeste Nascimento (org.). **Geodiversidade do Estado do Maranhão: panorama da geologia do Brasil, levantamento da geodiversidade**. Teresina: CPRM, 2013. p. 23-256.

Metropolis. Diretor Fritz Lang. Autora Thea von Harbou. Cinematografia Karl Freund, Walter Ruttmann, Günther Rittau. Baseado em Metropolis de Thea von Harbou. Alemanha, 1927. 148 minutos.

NIMER, Edmon. **Climatologia do Brasil**. Rio de Janeiro: IBGE, 1989.

NOGUEIRA DE SOUSA, Karine; SOUZA, Priscila Cristiane. Teoria das Representações Sociais: uma análise sobre a construção do conhecimento. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 6, e38610615881, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i6.15881>.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS PARA A EDUCAÇÃO, A CIÊNCIA E A CULTURA (UNESCO). **Convention on Wetlands of International Importance especially as Waterfowl Habitat**. Ramsar, 1971. Disponível em: <https://www.ramsar.org/official-documents>. Acesso em: 5 maio 2023.

ORGANIZACIÓN MUNDIAL DEL TURISMO. Carta del turismo sostenible. **Declaraciones de la OMT**, OMT, v. 5, n. 4, Madri, 1995. DOI: <https://doi.org/10.18111/unwtodeclarations.1995.05.04>.

PASSINHO, Elpídio Gonçalves. **História de Cedral**. Cedral: [s. n.], [19--?].

PINTO, Mércia. Pastoril: educação sentimental e construção do imaginário numa festa popular brasileira. **Revista Linhas Críticas**, Brasília, v. 8, n. 14, jan./jun. 2002.

PIZARRO, Ana. **Amazônia: as vozes do rio imaginário e modernização**. Belo Horizonte: Ed. UFMG, 2012.

PRADO JÚNIOR, Caio. **Formação do Brasil contemporâneo**. São Paulo: Brasiliense, 1942.

ROSS, Jurandyr Luciano Sanches. **Geografia do Brasil**. 5. ed. São Paulo: Ed. USP, 2005.

ROSS, Jurandyr Luciano Sanches. Relevo Brasileiro: uma nova proposta de classificação. **Revista do Departamento de Geografia**, v. 4, p. 25-39, 1985.

ROSTOW, Walt Whitman. **Etapas do desenvolvimento econômico**: um manifesto não comunista. Rio de Janeiro: Zahar, 1972.

SACHS, Ignacy. **Desenvolvimento**: incluyente, sustentável, sustentado. Rio de Janeiro: Garamond, 2008.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. 2. reimpr. São Paulo: Ed. USP, 2006.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: Hucitec, 1988.

SAUER, Carlos Eduardo; PINTO, Roberto Carlos. **Sociedade, natureza e espaço geográfico**. Curitiba: Intersaberes, 2016.

SIMONIAN, Lígia Terezinha; PINTO, Paulo Moreira; MONTEIRO, Maurílio de Abreu. El turismo como núcleo de estudio interdisciplinario [Re]construcción de los procedimientos y adecuaciones metodológicas. **Estudios y perspectivas em turismo**, v. 24, p. 450-469, 2015.

SOUSA, Karine Nogueira de; SOUZA, Priscila Cristiane de. Representação social: uma revisão teórica da abordagem. **Research, Society and Development**, v. 10, n. 6, e38610615881, 2021. ISSN 2525-3409. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v10i6.15881>.

TROVÃO, José Ribamar. **O processo de ocupação do território maranhense**. São Luís: IMESC, 2008.

VALELA, Raquel. Entrevista com Raquel Varela: Revolução dos Cravos, condições de trabalho e vida em Portugal. Entrevista concedida a Ricardo Laura e Mauri Antônio da Silva. **Revista Katálisis**, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 123-130, jan. 2015.

YIN, Robert K. **Estudo de caso**: desenho e métodos. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 1994.

ZAOUAL, Hassan. Do turismo de massa ao turismo situado: quais as transições? *In*: BARTHOLO, Roberto; SANSOLO, Davis Gruber; BURSZTYN, Ivan (org.). **Turismo de base comunitária**: diversidade de olhares e experiências brasileiras. Brasília: Letra e Imagem, 2009. p. 55-75.

ZAOUAL, Hassan. **Nova economia das iniciativas locais**: uma introdução ao pensamento pós-global. Rio de Janeiro: DP&A, 2008.

ZAOUAL, Hassan. **Nova economia das iniciativas locais**: uma introdução ao pensamento pós-global. Rio de Janeiro; Consulado Geral da França: DP&A; COPPE/UFRJ, 2006.

## APÊNDICES

**APÊNDICE A – OBSERVAÇÃO PARTICIPANTE – REGATA DE OUTEIRO 2023**

A ser preenchido após a realização da atividade solicitada.

O que será observado?

- O papel do município
- Participação comunitária
- Preocupação com desenvolvimento sustentável

Local:

Dia e hora:

Ação:

Decisões:

Por que foram tomadas?

Como foram implementadas?

Com que resultados?

Notas descritivas:

## **APÊNDICE B – PROTOCOLO OBSERVACIONAL – REGATA DE OUTEIRO 2023**

O que será observado? As unidades de análise:

**O turismo como aspecto do desenvolvimento no contexto amazônico**

**O papel do município no fomento de práticas sustentáveis e engajamento comunitário.**

Dia e horário da observação:

- Ação de educação ambiental
- Eventos paralelos
- Agência de receptivo realizando roteiros
- Comercialização de produtos locais diversos
- Mídia local e/ou regional
- Coleta de lixo nas áreas próximas ao evento
- Organização dos vendedores ambulantes
- Presença de agentes de segurança pública
- Poluição sonora e visual
- Organização do tráfego de veículos nas áreas próximas ao evento
- Apresentação culturais locais

Notas descritivas

## APÊNDICE C – GUIA DE ENTREVISTA – REPRESENTAÇÕES SOCIOCULTURAIS

Unidades de estudo:

**Formas de engajamento das representações socioculturais nos planos, nos projetos e nas atividades promovidas pelo município**

**Ações realizadas pelo órgão de turismo local**

Identificação do interlocutor:

1. O que você apontaria como os principais problemas da comunidade/povoado em que reside?
2. De que modo isso impacta o cotidiano das pessoas?
3. De que modo você (ou grupo que representa) tem se engajado nas atividades promovidas pelo setor público de turismo?

### GUIA DE ENTREVISTA

#### REPRESENTAÇÃO DO *TRADE* TURÍSTICO

1. O que você apontaria como principais problemas da comunidade/povoado em que reside?
2. De que modo(s) tais problemas impactam o cotidiano das pessoas?
3. Como você avalia o fluxo de turistas no período da Regata de Outeiro?
  - Maior do que o do ano anterior
  - Igual ao do ano anterior
  - Menor do que o do ano anterior
4. Quais segmentos você considera ter o maior potencial turístico (em ordem de prioridade)?
  - Sol e praia
  - Turismo cultural
  - Aventura e ecoturismo
  - Turismo de base comunitária
5. Quais atrativos você considera com maior potencial turístico?

## **APÊNDICE D – GUIA DE ENTREVISTA – REPRESENTANTE DA SECRETARIA DE TURISMO E CULTURA**

Unidades de estudo:

**Formas de engajamento das representações socioculturais nos planos, nos projetos e nas atividades promovidas pelo município**

**Ações realizadas pelo órgão de turismo local**

Unidades de análise:

**O turismo como aspecto do desenvolvimento no contexto amazônico**

**O papel do município no fomento a práticas sustentáveis e de engajamento comunitário**

**ATIVIDADES REALIZADAS POR MÊS**

Ação:

O que se espera?

Tem observado alguma mudança?

**APÊNDICE E – PROTOCOLO OBSERVACIONAL – ROTEIRO TURÍSTICO**

Nome do roteiro:

Formas de compra:

Dia e hora:

Público-alvo:

Duração:

Atrativos visitados:

Pessoas envolvidas (fluxo de serviços):

**APÊNDICE F – NOTA DESCRITIVA PARA DOCUMENTOS COLETADOS**

Nome:
Data:
Importância:
Palavras-chave: